

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Vivian Marques Viccino

**A ORALIDADE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA  
ANÁLISE**

**Especialização em Língua Portuguesa**

SÃO PAULO  
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Vivian Marques Viccino

**A ORALIDADE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA  
ANÁLISE**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa, sob orientação da Professora Doutora Vanda Maria da Silva Elias.

SÃO PAULO

2013

Dedico esta monografia a minha mãe que sempre me apoiou em todas as minhas escolhas.

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem como tema um estudo sobre gêneros orais em livros didáticos do 7º e 8º anos do segundo ciclo do Ensino Fundamental, aprovados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2011.

A questão que norteia este trabalho é: Os gêneros orais nos livros didáticos são trabalhados de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o edital do PNLD? Partindo dessa problemática, tem-se o objetivo de verificar como os livros didáticos de língua portuguesa trabalham com essa modalidade da língua e se as propostas por eles apresentadas estão condizentes com os documentos governamentais sobre a educação no Brasil.

Para realizar essa análise, serão tomados como base os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o edital do PNLD 2011 e o Guia do Livro Didático 2011. Todos esses documentos são de elaboração do governo. Para a fundamentação teórica, serão utilizados os estudos sobre gêneros de Marcuschi (2008), sobre gêneros orais de Preti (2010), e sobre o ensino de gêneros orais de Fávero (2012). Os resultados obtidos com a análise das coleções indicam que o ensino de gêneros orais ainda está muito atrelado aos gêneros escritos. Percebe-se que os livros didáticos por diversas vezes relacionam os gêneros orais apenas à leitura dramatizada de textos escritos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros orais, manuais didáticos, PCN, edital PNLD 2011, ensino de língua portuguesa

## Sumário

Introdução.....	6
Capítulo 1 O corpus da pesquisa .....	8
1.1 Tudo é Linguagem (8º ano) .....	11
1.1.1 Organização geral do livro.....	12
1.1.2 Abordagem da oralidade.....	13
1.1.3 Guia do Livro Didático .....	13
1.2 Projeto Radix – Português (8º ano).....	14
1.2.1 Organização geral do livro.....	15
1.2.2 Abordagem da oralidade.....	16
1.2.3 Guia do Livro Didático .....	17
1.3 Trajetórias da palavra (8º ano).....	18
1.3.1 Organização geral do livro.....	19
1.3.2 Abordagem da oralidade.....	19
1.3.3 Guia do Livro Didático .....	20
Capítulo 2 Fundamentação teórica .....	21
2.1 Os gêneros textuais.....	22
2.2 Oralidade e escrita .....	24
2.3 Estruturação do texto falado .....	30
2.4 Gêneros orais na escola .....	31
2.5 PCN e Edital do PNL D 2011 .....	33
Capítulo 3 Análise de gêneros orais em manuais didáticos .....	37
3.1 Atividades do livro Tudo é linguagem – 7º ano .....	38
3.1.1 Análise dos dados da atividade 1 .....	40
3.1.2 Análise dos dados da atividade 2 .....	42
3.1.3 Análise dos dados da atividade 3 .....	44
3.1.4 Análise dos dados da atividade 4 .....	47
3.2 Atividades do livro Radix – Português – 8º ano .....	48
3.2.1 Análise dos dados da atividade 1 .....	49
3.2.2 Análise dos dados da atividade 2 .....	51
3.2.3 Análise dos dados da atividade 3 .....	53
3.2.4 Análise dos dados da atividade 4 .....	56
3.3 Trajetórias da palavra – 8º ano .....	57
3.3.1 Análise dos dados da atividade 1 .....	61

3.3.2	Análise dos dados da atividade 2 .....	65
3.3.3	Análise dos dados da atividade 3 .....	69
3.3.4	Análise dos dados da atividade 4 .....	71
	Considerações finais.....	72
	Bibliografia .....	74

## Introdução

O tema desta pesquisa será um estudo sobre gêneros orais nos livros didáticos de língua portuguesa do 7º e 8º anos do segundo ciclo do Ensino Fundamental aprovados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2011.

O ensino dos gêneros textuais, também chamados de gêneros do discurso<sup>1</sup>, tem sido veementemente enfatizado nos PCN e no edital do PNLD. Com isso, os livros didáticos de língua portuguesa dão maior destaque ao estudo desses, muitas vezes marginalizando outros aspectos da língua.

Os gêneros do discurso podem ser escritos ou orais. Ao longo desta pesquisa, serão abordados apenas os de natureza oral. Os gêneros orais são, por muitas vezes, tratados em oposição aos gêneros escritos e os primeiros em detrimento dos segundos. No entanto, no decorrer desta pesquisa, essa visão será desmistificada, bem como muitos estudiosos o fizeram e ainda fazem, visto que a diferença entre uma e outra é o modo de produção e de veiculação dos textos, mas as duas possuem o mesmo objetivo, o da comunicação.

O ensino dos gêneros orais na escola é de grande importância, pois auxilia na formação de um cidadão crítico e que sabe circular nas mais diversas esferas da sociedade, tornando o aluno apto a entender e respeitar as diferentes características da língua oral e a enfrentar diversas situações que surgirão no decorrer de sua vida, como uma entrevista de emprego, um seminário em ambiente escolar, entre tantas outras.

Considerando que o objetivo da pesquisa é analisar como os gêneros orais são abordados e trabalhados pelos livros didáticos de língua portuguesa do 7º e 8º anos do segundo ciclo do Ensino Fundamental em circulação atualmente na rede pública de ensino, o *corpus* utilizado é formado por três livros que contêm atividades relacionadas aos gêneros orais.

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa será utilizado o termo “gênero textual”, por ter sido adotado por Marcuschi, uma das principais fontes deste trabalho.

Eles foram selecionados dentre os dezesseis livros aprovados no PNLD 2011 com base nos comentários sobre eles contidos no GLD, documento elaborado pela banca examinadora desse programa do governo.

A pesquisa foi dividida em três capítulos. O primeiro apresenta a composição do corpus, seu conteúdo e como ele é estruturado. O segundo capítulo consiste em uma abordagem teórica partindo do estudo de gêneros e estreitando para o estudo dos gêneros orais. Por fim, o terceiro capítulo apresenta uma análise do *corpus*, levando em conta a teoria demonstrada e os documentos oficiais já citados acima.

## Capítulo 1 O corpus da pesquisa

O *corpus* desta pesquisa é composto por livros didáticos de língua portuguesa do 7º e 8º anos do segundo ciclo do ensino fundamental aprovados no PNLD 2011. Dentre os dezesseis títulos aprovados pelo governo para o ensino da rede pública, foram escolhidos três para análise, com base nas observações presentes no GLD (Guia do Livro Didático), feitas pela banca examinadora do PNLD. São eles: *Projeto Radix – Português* (8º ano), *Trajetórias da Palavra* (8º ano) e *Tudo é Linguagem* (7º ano), em destaque na tabela dos livros aprovados a seguir.

**Tabela de livros aprovados no PNLD 2011**

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR(ES)</b>	<b>EDITORA</b>
A Aventura da Linguagem	Luiz Carlos Travaglia Maura Alves de Freitas Rocha Vânia Maria Bernardes Arruda Fernandes	Dimensão
Diálogo – Edição Renovada	Eliana Santos Beltrão Tereza Gordilho	FTD
Língua Portuguesa – Linguagem e Interação	Carlos Emilio Faraco Francisco Marto de Moura José Hamilton Maruxo Junior	Ática
Linguagem: Criação e Interação	Cássia Garcia de Souza Márcia Paganini Cavéquia	Saraiva Livreiros Editores
Para Ler o Mundo – Língua Portuguesa	Graça Sette Maria Angela Paulino Rozário Starling	Scipione
Para Viver Juntos – Português	Ana Elisa de Arruda Penteadó Cibele Lopresti Costa Eliane Gouvêa Lousada Greta Marchetti	SM

	Jairo J. Batista Soares Maria Virgínia Scopacasa Manuela Prado Mirella L. Cleto Heidi Strecker	
Português – A Arte da Palavra	João Carlos Rocha Campos Flávio Nigro Rodrigues Gabriela Rodella de Oliveira	AJS
Português – Ideias & Liguagens	Dileta Delmanto Maria da Conceição Castro	Saraiva Livreiros Editores
Português – Uma Proposta para o Letramento	Magda Soares	Moderna
Português – Liguagens	William Roberto Cereja Thereza Cohar Magalhães	Saraiva Livreiros Editores
Projeto Eco – Língua Portuguesa	Cristina Soares de Lara Azevedo	Positivo
<b>Projeto Radix – Português</b>	<b>Ernani Terra</b> <b>Floriana Toscano Cavallette</b>	<b>Scipione</b>
Trabalhando com a Linguagem	Gian Ferreira Isabel Cristina Cordeiro Maria Aparecida Almeida Kaster Mary Marques	FTD
<b>Trajatórias da Palavra – Língua Portuguesa</b>	<b>Celina Diaféria</b> <b>Mayra Pinto</b>	<b>Scipione</b>
<b>Tudo é Linguagem</b>	<b>Ana Maria Trinconi Borgatto</b> <b>Terezinha Costa Hashimoto Bertin</b> <b>Vera Lúcia de Carvalho Marchezi</b>	<b>Ática</b>
Viva Português	Elizabeth Marques Campos Paula Cristina Cardoso Silvia Letícia de Andrade	Ática

**Fonte:** Guia de Livros Didáticos de 6º ao 9º ano, publicado em 2010, PNLD 2011.

Em seguida, será exposta a resenha de cada uma dessas três obras presentes no Guia do Livro Didático (GLD), que consiste em um documento elaborado pelos examinadores dos livros inscritos no PNLD. Esse documento serve de respaldo para que o corpo docente de escolas públicas de todo o Brasil escolha os livros que melhor se enquadram na proposta pedagógica da escola em que leciona. Também será apresentado, a seguir, como cada um desses livros é organizado, sua estrutura e em que tópicos os gêneros orais são trabalhados.

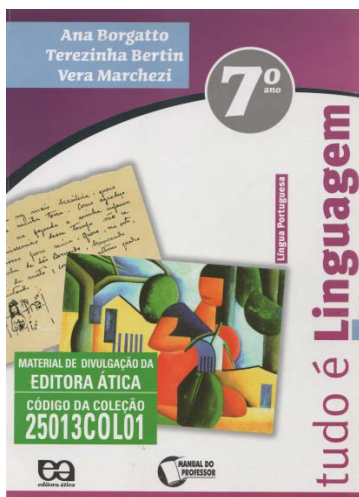
## 1.1 Tudo é Linguagem (8º ano)

Editora Ática

Autores: Ana Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi

2ª edição

2010



**Figura 1** – Capa do volume 2 da coleção *Tudo é linguagem* (manual do professor), destinado ao 7º ano do Ensino Fundamental II. Reprodução.

Este volume possui 399 páginas, sendo 352 do livro do aluno e 47 do manual do professor.

Os gêneros textuais norteiam cada uma das unidades deste projeto. O manual do professor apresenta para tratamento dos gêneros textuais, fundamentação na teoria de Bakhtin, e ainda há um tópico específico sobre língua falada e língua escrita.

É a partir dos gêneros textuais que a coleção trabalha outros aspectos da língua, como leitura, escuta, produção de textos orais e escritos, reflexão e análise linguística. A escolha dos gêneros apresentados neste projeto é baseada na alta frequência com que estão presentes no cotidiano da sociedade. O gênero de maior ênfase neste volume é o literário.

Um dos principais objetivos das autoras com este projeto é fazer com que os alunos dominem as formas de comunicação verbal para que tenham condições de atuar na sociedade com autonomia.

O apêndice para o professor trata da importância do ensino de língua oral e a defasagem ainda presente nos materiais didáticos e no ensino nas escolas e acredita que o

ensino com foco na linguagem oral é de extrema necessidade, visto que o aluno entra nos primeiros anos na escola já com certo domínio dessa modalidade, o que faz com que ele já tenha noção da gramática da língua.

### **1.1.1 Organização geral do livro**

O volume é composto de oito unidades, além de uma unidade prévia e mais duas unidades extras (unidade suplementar e um projeto de leitura). O título de cada uma é o gênero que nela é trabalhado (conto, crônica, relato e memória, relato de experiência, poemas, notícia, reportagem, artigo de opinião, respectivamente).

As unidades possuem as seguintes seções:

- Texto
- Interpretação do texto
  - Compreensão inicial
    - Atividade oral
    - Atividade escrita
    - Um bom debate
  - Linguagem e construção do texto
    - Atividade oral
    - Atividade escrita
    - Um bom debate
- Língua: usos e reflexão
  - Atividade oral
  - Atividade escrita
- Outras linguagens

As seções nem sempre aparecem nessa ordem. Em algumas unidades, não há todos os itens apresentados anteriormente. No início de cada unidade, há um quadro que demonstra o que será estudado nela.

### **1.1.2 Abordagem da oralidade**

Será dada mais ênfase na subseção “Atividade oral”, que por vezes aparece com a “Atividade escrita”. “Um bom debate” em alguns momentos também apresenta questões sobre os gêneros orais, que serão analisadas no decorrer desta pesquisa.

Os gêneros orais trabalhados nesse livro são debate, relato de experiência, leitura com diferentes intenções, sarau de poesia e jornal falado.

### **1.1.3 Guia do Livro Didático**

Como já foi dito anteriormente, cada unidade da obra em questão se dá em torno de um gênero textual. Há um foco no gênero literário, o que contribui para o aprimoramento da capacidade leitora, principalmente de textos desse gênero, dos alunos.

A produção de textos é bem elaborada nesse projeto. No entanto, a produção de textos orais não é muito contemplada. De acordo com a opinião dos componentes da banca examinadora do PNLD, o trabalho com a oralidade é um ponto fraco, não apenas neste volume, mas na coleção como um todo.

O GLD sugere, inclusive, que o professor trabalhe outros gêneros orais em sala de aula, principalmente os mais formais. Essa deficiência no trabalho com os gêneros orais se dá pelo excesso de atividades que trabalham o aspecto gramatical da língua.

## 1.2 Projeto Radix – Português (8º ano)

Editora Scipione

Ernani Terra e Floriana Toscano Cavallette

1ª edição

2010



**Figura 2** – Capa do volume 3 da coleção *Radix – Português* (manual do professor), destinado ao 8º ano do Ensino Fundamental II. Reprodução

O livro possui 240 páginas para o aluno e 128 de assessoria pedagógica (manual do professor), totalizando 368 páginas.

Os autores desta obra têm o objetivo de, com este projeto, auxiliar os professores da rede pública de ensino a preparar e conduzir suas aulas a fim de auxiliar seus alunos na formação de cidadãos críticos da realidade e capazes de exercer valores de cidadania.

No início da manual do professor, encontra-se um questionário elaborado pelos autores a fim de levar o professor a refletir sobre a importância da escolha consciente do material didático e, ainda, se o material em questão é o mais adequado para a proposta pedagógica da escola em que exerce sua profissão. As perguntas presentes nesse questionário são baseadas nos PCN e no edital do PNLD.

Esse material voltado ao professor também apresenta uma considerável apresentação teórica em torno do ensino de língua portuguesa. São nove páginas teóricas, nas quais há um tópico sobre a linguagem e um subtópico sobre os gêneros e, um dos destaques é a oralidade. Os gêneros nessa obra são trabalhados à luz das ideias de Bakhtin e dos PCN.

Os gêneros são trabalhados a partir de textos autênticos, ou seja, textos que estão em circulação na sociedade. Essa proposta é de grande valia, levando em consideração que os alunos terão a oportunidade de aprender a reconhecer as características dos gêneros e saber

utilizá-las em qualquer texto escrito ou oral que encontrarem no decorrer de seus cotidianos, pois desenvolveram essa habilidade na escola com textos reais, e não criados especificamente para a elaboração de determinada atividade, o que o torna um tanto fora da realidade.

No que diz respeito à oralidade, os autores demonstram que, para a realização do trabalho com a oralidade, tomaram por base o objetivo do ensino da língua oral dos PCN (1998, p. 25):

[...] ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomando como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la.

Com isso, a proposta do livro em relação ao trabalho com a oralidade demonstra a preocupação em ensinar ao aluno que não há uma forma correta ou errada de se falar. O que existem, sim, são diversas formas de se falar, e cada uma delas é mais propícia para uma situação do que para outra. E o objetivo dessa proposta é exatamente este: apresentar as diversas adequações da linguagem oral nas mais variadas ocasiões que o aluno irá se deparar ao longo de sua vida.

### **1.2.1 Organização geral do livro**

O volume é dividido em oito módulos, onde os ímpares são subdivididos em dois capítulos. Há também um caderno de atividades, voltado para a gramática, e um capítulo extra intitulado “Para saber mais”, que apresenta dicas de livros, *sites* e filmes relacionados a cada módulo do livro.

Cada capítulo é dividido nas seções que seguem:

- Para começar (texto relacionado ao gênero que será trabalhado na unidade)
- Hora do texto

- Expressão oral
- Expressão escrita
- Estudo do vocabulário
- Gramática no texto
  - Para além do texto
- Hora do texto
  - Expressão oral
  - Expressão escrita
  - Estudo do vocabulário
- A linguagem dos textos
- Produzindo texto
- Grupo de criação (a cada quatro capítulos)

Essas seções nem sempre aparecem em todos os capítulos. Ora há estudo do vocabulário, ora não, por exemplo.

### **1.2.2 Abordagem da oralidade**

Um dos pontos fortes deste livro é o trabalho com a oralidade. Para isso, a oralidade (TERRA, 2012, p. 17):

aparece em praticamente todos os capítulos, mas não para todos os textos. [...] pretende-se abrir um espaço para que os alunos:

- expressem suas primeiras impressões sobre o texto;
- tragam para o grupo seus conhecimentos prévios sobre o assunto e estabeleçam um diálogo com o que os colegas têm a dizer e com o que é dito no texto;
- participem coletivamente do exercício de reflexão crítica e de defesa das ideias com argumentação adequada, desenvolvendo a capacidade de ouvir e respeitar o outro, mesmo quando as opiniões são divergentes;
- produzam textos orais de diferentes gêneros, em especial os de uso público, apresentação, dramatização etc.

As seções que vão nortear a análise desse volume são “Expressão oral” e “Para além do texto”. A primeira propõe atividades bem detalhadas relacionadas ao gênero oral em questão no capítulo. A segunda nem sempre trabalha o gênero oral, mas muitas vezes traz discussões sobre ele.

Os gêneros orais trabalhados nesse livro são debate, discussão, roda de histórias, leitura expressiva, reconto, entrevista, painel oral (apresentação).

### **1.2.3 Guia do Livro Didático**

Os examinadores dos livros didáticos consideram que o ponto forte da coleção *Projeto Radix – Português* é o trabalho com a oralidade. Como eles mesmos citam no documento, “as atividades com a oralidade contribuem para o desenvolvimento de capacidades de fala e escuta.” (p. 123).

A obra apresenta diversidade de textos ligados à cultura. Porém, alguns deles levam a exercícios que objetivam a análise da língua e a metalinguagem, o que caracteriza o ponto fraco da obra.

De modo geral, a produção de textos tanto de gêneros orais como escritos são bem trabalhados na obra. O manual do professor fornece pressupostos teóricos e orientações sobre como trabalhar a obra com os alunos, tudo isso é apresentado com uma linguagem simples e de fácil compreensão.

Essa coleção também enfatiza de modo positivo as estratégias de leitura, os gêneros textuais em geral e os diversos efeitos de sentido que é possível se encontrar em um texto.

### 1.3 Trajetórias da palavra (8º ano)

Editora Scipione

Autores: Celina Diaféria e Mayra Pinto

1ª edição

2010



**Figura 3** – Capa do volume 3 da coleção *Trajetórias da palavra* (manual do professor), destinado ao 8º ano do Ensino Fundamental II. Reprodução.

*Trajetórias da palavra* possui 256 páginas para o aluno e 64 de assessoria pedagógica (manual do professor).

Este livro é norteado pelas noções dos PCN e se baseia no ensino da língua por meio da produção e recepção de textos. O objetivo das autoras é formar alunos com um razoável domínio da linguagem para que este possa atuar na sociedade autônoma e criticamente.

Quanto ao trabalho com a oralidade, as autoras se preocupam com os alunos que não têm acesso a outros materiais além do livro didático. Enfatizam, também, que deve haver uma preparação prévia das produções orais e deve ser feito um monitoramento da fala no momento de realização das atividades que trabalham essa modalidade.

As autoras ressaltam também a necessidade de se ensinar os aspectos da linguagem oral, para que não se torne uma mera leitura inexpressiva, como a entonação, a linguagem corporal, os gestos, entre outros.

Os gêneros orais abordados são de caráter público e formal, com norma culta e variações regionais e estilísticas, sempre se enfatizando a necessidade da preparação de um texto escrito antes de apresentá-lo oralmente, ou seja, de um planejamento prévio em suporte escrito.

### **1.3.1 Organização geral do livro**

O livro é dividido em três unidades (unidade 1 – Relações afetivas; unidade 2 – Gêneros de imprensa; unidade 3 – Leitura e literatura), cada uma com três, quatro e três capítulos, respectivamente. Ao final de cada unidade, há uma seção chamada “Retomada”, uma espécie de revisão do conteúdo abordado.

Os títulos dos capítulos fazem remissão ao gênero estudado neles (poemas, romance, conto, crônica, reportagem (I), campanha de esclarecimento, reportagem (II), memórias, resenhas, entrevista).

Cada capítulo apresenta as seguintes divisões:

- Texto
- Linhas e entrelinhas
- Produção de texto oral
- Produção de texto escrito
- Uso da língua
- Tira-dúvidas

As seções “Produção de texto oral” e “Produção de texto escrito” são repetidas diversas vezes ao longo dos capítulos.

### **1.3.2 Abordagem da oralidade**

A seção que terá destaque aqui será “Produção de texto oral”. Geralmente, as propostas são apresentadas ao aluno por meio de explicação do gênero em evidência e uma exemplificação dele, quando possível. Os gêneros orais trabalhados nessa obra são leitura

expressiva, declamação de poemas, discussão em grupo, programa de rádio, entrevista e comentário sobre entrevistas.

### **1.3.3 Guia do Livro Didático**

O livro apresenta os gêneros textuais como objeto de ensino. A maior ocorrência de textos trabalhados são os de esfera jornalística e literária. As atividades de leitura favorecem o aprimoramento da habilidade leitora do aluno.

O trabalho com a oralidade, no volume do oitavo ano especificamente (pois há crítica negativa nos primeiros volumes), é satisfatório, pois apresenta propostas de produção de textos orais pertinentes. Esse aspecto não é um ponto forte no volume, mas também não é um ponto fraco como o fazem os volumes 6 e 7 da mesma coleção. O documento aponta ainda que é preciso que o professor busque em outros subsídios atividades que demonstrem as diferenças entre o oral e o escrito.

No entanto, o GLD considera que a coleção leva o aluno a praticar a fala e escuta de textos de gênero oral e a fazer planejamentos de textos de gêneros orais públicos. Além disso, há trabalhos com os gêneros orais que fazem uma ligação entre produção do texto oral e diversas situações comunicativas.

Apresentadas as obras que compõem o *corpus* desta pesquisa, será iniciada a seguir a exposição teórica sobre os gêneros orais e seu ensino nas escolas brasileiras.

## **Capítulo 2 Fundamentação teórica**

Neste capítulo, serão tratados teoricamente os gêneros orais. Além disso, será discutido como se dá o seu ensino nas escolas e o que dizem os PCN sobre esse viés do ensino de língua portuguesa e o que o edital do PNLD de 2011 – Ensino Fundamental II – exige que os livros didáticos de língua portuguesa abordem a respeito dessa modalidade.

Nos últimos tempos, tem sido quase que unânime entre os estudiosos da língua portuguesa a ideia de que os gêneros orais devem ser ensinados na escola. No entanto, embora se tenha a noção da importância do ensino dessa vertente da língua portuguesa, ainda se está longe de alcançar esse ideal.

Atualmente os professores de língua portuguesa se encontram em uma posição desconfortável em relação ao que ensinar, como ensinar, para quem ensinar e para que ensinar devido à crise do magistério, à formação do professor e às mudanças sociais e econômicas em todo o Brasil ( CRESCITELLI, p. 29). Por esses motivos, os professores de língua portuguesa não estão preparados para trabalhar com os gêneros orais, fazendo com que a escola ainda não dê a devida importância a eles.

## 2.1 Os gêneros textuais

Para dar início à apresentação teórica dos gêneros orais, é preciso, em primeiro lugar, que se exponha a noção de gênero. O gênero é, conforme descreve Marcuschi (2008), “[...] uma categoria cultural; um esquema cognitivo; uma forma de ação social; uma estrutura textual; uma forma de organização social; uma ação teórica” (p.149).

O gênero textual é o que norteia uma sociedade comunicativa. Ele está presente em todas as ações de uma determinada sociedade e essa, por sua vez, utiliza-se dele para atingir determinados objetivos. É por meio do gênero que toda comunicação verbal (escrita ou oral) é realizada. Existem incontáveis gêneros, porém eles não são infinitos.

Um exemplo de gênero é uma receita médica. Um indivíduo se dirige a um hospital ou consultório médico, o especialista da área, ou seja, o médico, escreve o nome do remédio que o paciente deve utilizar para sanar seu problema em um receituário (suporte), o paciente vai até uma farmácia e, com essa receita, efetua a compra do remédio indicado (objetivo).

Cada gênero possui características específicas que permite sua identificação. No exemplo citado anteriormente, o que caracteriza o gênero receita médica é o papel timbrado com o nome, endereço e telefone do estabelecimento de trabalho do médico (hospital ou consultório), a assinatura do profissional e um carimbo com o respectivo número do CRM (Conselho Regional de Medicina).

Conforme já citado, os gêneros textuais podem ser escritos ou orais. No entanto, somente o último será focado neste trabalho. Embora o número de pesquisas sobre os gêneros orais tenha aumentado consideravelmente, ele ainda é menor do que o de pesquisas que abordam os gêneros escritos.

O falante de determinada língua usa as estruturas básicas dos gêneros orais quase que inconscientemente, ou seja, em um telefonema, por exemplo, ele inicia a interlocução dizendo “alô”. Ele o faz porque as estruturas dos gêneros estão pré-estabelecidas, ou seja, seu formato está calcado em um senso comum. Sua forma também tem a função de indicar o que o autor relatará em seu texto. No exemplo citado, quando se escuta “alô”, presume-se que se trata de um telefonema, e já se espera que o interlocutor responda à expressão com outra do tipo “oi, (nome da pessoa ou forma de tratamento – ex.: mãe)”.

O locutor também, muitas vezes, denomina o gênero oral em suas interlocuções, sem se dar conta que o faz. Um exemplo corriqueiro é um falante que relata o seu telefonema a um interlocutor, ou ainda conta como foi uma palestra à qual assistiu.

## 2.2 Oralidade e escrita

A língua falada tem sido muito discutida por profissionais das ciências humanas e sociais, como sociólogos, antropólogos, educadores, psicólogos e linguistas.

Ainda nos dias atuais, os gêneros orais quase sempre são trabalhados em oposição aos gêneros escritos, como se essas duas modalidades compusessem uma dicotomia. Esse é um olhar equivocado sobre a questão dos gêneros em sala de aula, pois o gênero oral complementa o escrito e vice-versa. Por esse motivo:

[...] o estudo da oralidade merece ocorrer paralelamente ao da escrita, em razão do *continuum* e não de um fenômeno com diferenças estanques, dado que a grande diferença encontra-se apenas no modo de verbalização, via aparelho fonador ou via elementos gráficos. (FÁVERO, 2011, p.14).

A ideia de oposição entre língua oral e escrita se dá de maneira equivocada porque, embora o sistema linguístico seja o mesmo, em cada uma dessas modalidades obtemos um produto diferente do outro. No entanto, esses dois produtos têm a mesma função, ou seja, ambos têm o objetivo de comunicar algo a alguém.

Além disso, os gêneros escritos ainda exercem uma soberania em detrimento dos gêneros orais. Isso se dá porque ainda tem-se uma visão grafocêntrica da língua. Considera-se, erroneamente, que os gêneros escritos possuem uma estrutura complexa, é o lugar da norma culta, da linguagem polida, enquanto os gêneros orais possuem estrutura simples, é o local do erro, do completo caos, sem levar em conta que os gêneros orais também são estruturados, bem com os gêneros escritos.

Essa visão é questionável, pois os gêneros são produtos da interação sociocultural e, em algumas culturas, a escrita nem ao menos existe, fazendo com que a população pertencente a elas faça uso apenas dos gêneros orais para se efetivar a comunicação.

A diferença entre o oral e o escrito se dá, entre outros fatores, pelas escolhas do locutor, pelo suporte, pelo contexto, pela interação entre o locutor e o receptor e pelas condições de produção. E isso não quer dizer que a escrita é pior nem melhor do que a fala, apenas são formas diferentes de interação entre os indivíduos. Tanto a fala quanto a escrita

apresentam igualdades, pois ambas possuem caráter dialógico, interacional, situacional, dinâmico, interativo e coerente. Dessa forma, as duas modalidades possuem os mesmos traços, porém eles são utilizados de formas diferentes.

Conforme Marcuschi (2008, p. 191), a fala e a escrita não formam uma dicotomia, visto que essas duas modalidades da língua:

1. são históricas e têm origem em práticas sociais;
2. são sociocomunicativas e revelam práticas;
3. estabilizam determinadas rotinas de realização;
4. tendem a ter uma forma característica;
5. nem tudo nelas pode ser definido sob o aspecto formal;
6. sua funcionalidade lhes dá maleabilidade e definição;
7. são eventos com contrapartes tanto orais como escritas.

Outro fator que não permite que se veja a língua falada e a língua escrita como uma em oposição à outra é o fato de que há textos escritos que se aproximam da língua falada, como uma crônica, e textos falados que se aproximam da língua escrita, como uma apresentação de um trabalho acadêmico.

O que diferencia a modalidade escrita da modalidade falada são as condições de produção. Segue abaixo, uma tabela com as distinções de produção entre a fala e a escrita.

<b>Fala</b>	<b>Escrita</b>
– Interação face a face	– Interação à distância (espaço-temporal)
– Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção	– Planejamento anterior à produção
– Criação coletiva: administrada passo a passo	– Criação individual
– Impossibilidade de apagamento	– Possibilidade de revisão

– Sem condições de consulta a outros textos	– Livre consulta
– A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor	– A reformulação é promovida apenas pelo escritor
– Acesso imediato às reações do interlocutor	– Sem possibilidade de acesso imediato
– O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	– O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor
– O texto mostra todo o seu processo de criação	– O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado

**Fonte:** *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.* (FÁVERO, 2012, p. 78).

Como é possível perceber na tabela acima, há diversas diferenças entre o modo de produção e veiculação do texto falado e do texto escrito. No entanto, as duas modalidades têm o mesmo objetivo: o de comunicar algo a alguém.

Tem-se a ideia de que a escrita é estruturada e formal, enquanto a oralidade é desestruturada e informal. Não é verdade. Ambas só se organizam de modos diferentes, mas um modo não tem privilégio sobre o outro.

Com o passar do tempo, essa visão foi mudando e hoje se olha mais para o processo do que para o produto. Um estudo que demonstra bem isso é o Projeto NURC/SP, organizado por Dino Preti, onde estudiosos fazem análises de textos orais, explicitando sua estruturação e seu processo de produção.

Na estruturação de um texto escrito, destaca-se o parágrafo. Já a estruturação do texto oral se dá em turnos, ou seja, em uma conversa entre duas pessoas, cada um tem sua vez de falar, cada uma tem um turno. A escrita exige um controle de organização do que será falado e nela há a possibilidade de se voltar ao que já foi escrito e corrigir o texto. Na oralidade, há digressões, hesitações, repetições, entre outros fatores, e, por sua produção depender de mais de uma pessoa, não é possível ter o mesmo controle que se tem na escrita.

O texto oral, conforme visto anteriormente, já foi considerado o local da desordem, e, para alguns, ainda o é. Talvez esse pensamento exista por conta de essa modalidade conter pausas, hesitações, alongamentos, repetições, ênfases, digressões, entre outras características.

No entanto, a tendência atual é atentar cada vez mais para as condições em que a comunicação oral é produzida e não apenas para o produto em si.

A fala é sempre interativa e ocorre em determinado tempo e determinada situação social. Mesmo que apenas uma pessoa fale, os indivíduos que a estão escutando interagem com ela, monitorando o discurso, acenando com a cabeça dando a entender que estão compreendendo o que está sendo dito, por exemplo.

De acordo com Preti (2010), a fala pode ser simétrica, quando cada integrante de um diálogo tem uma posição fixa do turno e direito de escolher o tema da conversa (tópico discursivo) e pode decidir se este permanecerá o mesmo ao longo da conversa ou se será trocado. A fala também pode ser assimétrica, quando um integrante tem privilégio quanto aos turnos e cabe a ele mudar de tópico ou não.

Segundo Ventola (apud FÁVERO, p. 19), a estrutura da conversação valoriza as variáveis: tópico (ou assunto), tipo de situação, papéis dos participantes, modo e meio de discurso. Para ela, “o tópico ou assunto é um meio de estabelecimento dos relacionamentos sociais, já que abre e mantém o canal de comunicação, propiciando o contato entre os participantes”.

Em relação ao papel dos participantes e o modo, cada situação determinará o papel a ser desempenhado por eles enquanto seres sociais e de que modo (mais formal ou informal) a linguagem será produzida. Por exemplo, é preciso um comportamento e falar mais formalmente em uma conversação acadêmica, diferente do que acontece em uma conversa em uma roda de amigos em um bar.

O meio diz respeito à maneira como ocorre a interação: face a face, via internet (Skype), por telefone, entre outros. Por esses motivos, não é adequado analisar apenas o produto da fala, mas é preciso levar em consideração como determinado texto foi produzido e todos os fatores externos a ele.

Em suma, pode-se dizer segundo Fávero (2012):

que um evento comunicativo constitui-se dos seguintes aspectos significativos:

- a) situação discursiva: formal, informal;
- b) evento de fala: casual, espontâneo, profissional, institucional;
- c) tema do evento: casual, prévio;
- d) objetivo do evento: nenhum, prévio;
- e) grau de preparo necessário para efetivação do evento: nenhum, pouco, muito;
- f) participantes: idade, sexo, posição social, formação, profissão, crenças etc.;
- g) relação entre amigos, desconhecidos, parentes;
- h) canal utilizado para a realização do evento: face a face, telefone, rádio, televisão, internet.

Ao se produzir um texto falado, cada escolha feita dentre os itens acima o torna único, pois apresentará características diferentes de outros textos falados. Por meio dessas escolhas, é possível identificar o tipo de relação entre os interlocutores, a situação em que eles se encontram, entre outros fatores.

Por exemplo, no caso de escuta de uma gravação de consulta médica, provavelmente notar-se-á a utilização de linguagem mais formal (situação), o tópico será os sintomas do paciente e um diagnóstico da parte do médico, enfim, só por esses itens já é possível identificar que se trata do gênero consulta médica, pois a fala dessa gravação contém características desse gênero. No entanto elas não são fixas, podendo variar, como no caso de um médico que trata aquele paciente há anos e cria-se um vínculo mais próximo entre eles.

Recapitulando, segue abaixo uma tabela com os componentes de situação comunicativa das modalidades fala e escrita.

C – Características do grupo: classe social, grupo étnico, sexo, idade, ocupação, educação etc.
<b>II – Relações entre os participantes</b>
A – No papel social: poder, status etc.
B – Pessoais: preferências, respeito etc.

C – Extensão do conhecimento partilhado: conhecimento de mundo e específico
<b>III – Contexto</b> A – Físico B – Temporal C – Extensão espaço-temporal compartilhada pelos participantes
<b>IV – Propósito</b> (finalidade do evento) A – Conversacional B – Pessoal
<b>V – Tópico discursivo</b> (assunto ou tema do texto)
<b>VI – Avaliação social</b> A – Avaliação do evento comunicativo 1 – valores partilhados por toda a cultura 2 – valores retidos por subculturas ou indivíduos  B – Atitudes do locutor em relação ao conteúdo 1 – sentimentos, julgamentos, atitudes 2 – tom ou modo 3 – grau de comprometimento em relação ao conteúdo
<b>VII – Relação dos participantes com o texto:</b> nível de desenvolvimento
<b>VIII – Aspectos linguísticos e paralinguísticos</b> A – Fala: 1 – léxico-sintático 2 – prosódico 3 – paralinguístico  B – Escrita: 1 – léxico-sintático

**Fonte:** *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua portuguesa*, 2012.

### **2.3 Estruturação do texto falado**

O texto falado se estrutura no nível local e no nível global. A estrutura em nível local se refere principalmente aos turnos, ou seja, à produção oral de um interlocutor enquanto ele tem posse da vez de falar. Para ocorrer a conversação, os interlocutores alternam suas falas, simétrica ou assimetricamente, podendo haver interrupções, hesitações, pausas, sobreposições de fala e até mesmo assalto ao turno, ou seja, quando um interlocutor fala na vez do outro.

A estrutura global acontece ao mesmo tempo em que a local, mas a produção textual obedece a regras de ordem global para a condução do tópico ou assunto, ou seja, em um texto falado ocorrem digressões.

O texto falado e o texto escrito possuem a mesma gramática, ambos promovem a comunicação, que depende de uma série de fatores para se concretizar, e uma não exerce grau de maior importância sobre a outra, no entanto, cada uma dessas modalidades tem suas peculiaridades e semelhanças, conforme já foi mencionado.

## 2.4 Gêneros orais na escola

Ao se trabalhar a linguagem oral, surgem à mente algumas questões que tentarão ser respondidas ao decorrer deste capítulo. São elas:

- O que significa ensinar a linguagem oral na escola?
- O que se deve ensinar?
- Como se deve ensinar?

Os diversos estudiosos das mais variadas áreas que realizam pesquisas sobre a língua oral concordam sobre a importância do ensino desta na escola. Isso se dá porque o aluno já entra nos primeiros anos escolares sabendo falar e, portanto, já entende a gramática da língua. Dessa forma, a fala influenciará no processo de aprendizado da escrita do aluno.

É sabido que os PCN enfatizam o ensino da língua oral, trabalhando-os com base no cotidiano do aluno, para que faça sentido a ele aprendê-los. Dessa forma, Fávero (2011, p. 25) diz que:

Para tratar da oralidade em sala de aula, os conhecimentos em torno do conceito de língua falada e de língua escrita não são suficientes; é preciso que o professor disponha de subsídios em relação às especificidades dos textos que circulam na sociedade em domínios discursivos determinados, como o jornalístico, o acadêmico, o religioso, o jurídico etc., para que reconheça como se instaura seu processo de produção e de qual (ou quais) unidade(s) de análise se pode fazer uso para um estudo efetivo.

É importante que se mostre ao aluno que há variedade dos usos da língua, que a língua tem níveis (do coloquial ao formal) e que ele deve ser capaz de transitar por todas essas instâncias de sua língua materna, o que o fará, como diz o professor Evanildo Bechara, “poliglota de sua própria língua” (1998, p. 13).

A necessidade que se tem de a escola atentar para o ensino da linguagem oral não quer dizer que ela deve abandonar o ensino da escrita, mas usar a oralidade para complementar a escrita. Conforme afirma Castilho (apud FÁVERO, 2008, p. 13):

[...] não se acredita mais que a função da escola deve concentrar-se apenas no ensino de língua escrita, a pretexto de que o aluno já aprendeu a língua falada em casa. Ora, se essa disciplina se concentrasse mais na reflexão sobre a língua que falamos, deixando de lado a reprodução de esquemas classificatórios, logo se descobriria a importância da língua falada, mesmo para a aquisição da língua escrita.

## 2.5 PCN e Edital do PNLD 2011

Neste subitem será explicitado o que dizem os PCN e o edital do PNLD 2011 em relação ao ensino dos gêneros orais nas escolas de todo o Brasil.

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) é um documento elaborado pelo governo federal em parceria com o MEC (Ministério da Educação e Cultura) que visa unificar o ensino em todo o país, levando em conta a diversidade regional, cultural e política que há no Brasil.

Sobre o ensino de língua portuguesa, os PCN apontam que o ensino deve ser sociointeracionista e baseado no estudo dos gêneros textuais, pois dessa maneira é possível valorizar os contextos em que foram produzidos e sua circulação na sociedade. Isso se dá porque sabe-se que todo discurso ocorre por meio de um texto, oral ou escrito, e o aluno deve adquirir na escola habilidades para bem elaborá-los.

Os PCN indicam claramente que o ensino de língua portuguesa por meio dos gêneros objetiva formar um cidadão pronto para enfrentar as diversas situações com as quais vai se deparar após e durante sua estadia na escola, ou seja, essa característica do ensino visa formar um indivíduo capaz de ser inserido na sociedade enquanto ser crítico:

Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita. É o que aqui se chama de competência linguística e estilística. (PCN, 1998).

O documento defende também que não deve ser ensinado o que é certo ou o que é errado na língua oral, mas sim ensinar o aluno a transitar pelas diversas vertentes da língua e a discernir qual é a forma mais adequada em cada papel que ele exerce na sociedade:

o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de

sua intenção enunciativa dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (PCN, 1998)

Ainda tratando dos PCN, esse documento defende que devem ser trabalhados em sala de aula os gêneros textuais em circulação na sociedade, pois nessa nova visão que é apresentada por eles, a língua passa a ser um objeto social. Portanto, a linguagem é tida agora como um instrumento de interação social.

Os PCN (1998) reconhecem que ainda há uma valorização da língua escrita em detrimento da falada e explicita que é preciso mudar essa ideia, pois há ainda uma excessiva valorização da gramática normativa e insistência nas regras de exceção, e o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não padrão.

Esse documento também indica os gêneros textuais orais que devem ser trabalhados nas aulas de língua portuguesa do Ensino Fundamental II:

<b>LINGUAGEM ORAL</b>	
<b>LITERÁRIOS</b>	. canção . textos dramáticos
<b>DE IMPRENSA</b>	. notícia . entrevista . debate . depoimento
<b>DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA</b>	. exposição . seminário . debate

Tendo apresentado o que dizem os PCN sobre o estudo dos gêneros em sala de aula, tratar-se-á agora do que diz o edital do PNLD 2011 sobre o que se espera do conteúdo dos livros didáticos de língua portuguesa para o Ensino Fundamental II.

Para o edital, o ensino de língua materna é responsável por, dentre outras funções, desenvolver “[...] as competências e habilidades associadas a usos escolares, formais e/ou públicos da linguagem oral” e “[...] garantir (aos alunos) um domínio da escrita e da oralidade suficiente para as demandas básicas do mundo do trabalho e do pleno exercício da cidadania”. (Edital, 2010, p. 50-51)

O edital ressalta, ainda, que o ensino de língua materna é responsável pela formação de um leitor proficiente e produtor crítico de textos. E, é claro, que tudo isso deve ser ensinado por meio do trabalho com os gêneros textuais.

Também é ressaltado que não se deve abandonar o ensino da gramática, desde que sua funcionalidade seja justificada em textos em circulação social efetiva e não artificialmente criados. O edital indica, ainda, que a produção de textos criados para fins de atividades para o livro didático é motivo de exclusão, ou seja, o livro que apresentar essas características não será aprovado para ingressar nas escolas públicas.

Vale dizer que há um tópico específico para o trabalho com a oralidade, tamanha a importância de seu trabalho em sala de aula. Segue a reprodução desse item:

A linguagem oral, que o aluno chega à escola dominando satisfatoriamente, no que diz respeito a demandas de seu convívio social imediato, é o instrumento por meio do qual se efetivam tanto a interação professor-aluno quanto o processo de ensino-aprendizagem. Será com o apoio dessa experiência prévia que o aprendiz não só desvendará o funcionamento da língua escrita como estenderá o domínio da fala para novas situações e contextos, inclusive no que diz respeito a situações escolares como as exposições orais e os seminários. Assim, caberá ao LDP, no que diz respeito a esse quesito:

- recorrer à oralidade nas estratégias didáticas de abordagem da leitura e da produção de textos;
- valorizar e efetivamente trabalhar a variação e a heterogeneidade linguísticas, situando nesse contexto sociolinguístico o ensino das normas urbanas de prestígio (norma culta);

- propiciar o desenvolvimento das capacidades e formas discursivas relacionadas aos usos da linguagem oral próprios das situações formais e/ou públicas pertinentes ao nível de ensino em foco. (Edital, 2010)

Tendo em análise esses dois documentos, PCN e Edital do PNLD 2011, é possível afirmar que ambos parecem estar de acordo quanto aos objetivos do ensino de língua portuguesa. Tanto esses documentos quanto os teóricos da área de língua portuguesa concordam que os gêneros devem nortear todas as vertentes do ensino de língua materna e que os professores devem fazê-lo com base em textos originais, a fim de capacitar os alunos a circular por todas as variedades de linguagem e, dessa forma, fazer com que eles se tornem seres críticos e ativos na sociedade em que estão inseridos.

### **Capítulo 3 Análise de gêneros orais em manuais didáticos**

Considerando que o objetivo desta pesquisa é verificar como alguns livros didáticos de língua portuguesa do segundo ciclo do Ensino Fundamental trabalham os gêneros orais, neste capítulo será feita uma apresentação das atividades que propõem o trabalho com essa modalidade e, em seguida, será realizada uma análise sobre elas.

Conforme foi dito anteriormente no Capítulo 1 do presente trabalho, serão apresentadas algumas das atividades presentes no livro *Tudo é linguagem* (manual do professor) – 7º ano. Em seguida, as atividades da obra *Radix – Português* (manual do professor) – 8º ano, e, por último, as do livro *Trajatórias da palavra* (manual do professor) – 8º ano. As atividades apresentadas aqui foram escolhidas por serem as mais diversificadas encontradas dentro de cada um desses livros.

### 3.1 Atividades do livro Tudo é linguagem – 7º ano

Neste item, serão apresentadas atividades do livro *Tudo é linguagem – 7º ano*. Em primeiro lugar, serão mostradas as reproduções com as páginas onde os exercícios sobre a oralidade se encontram. Ao final da reprodução de cada atividade, será realizada uma análise sobre ela.

**Atividade 1** – Na página 28 é apresentado um texto para reflexão sobre língua falada e língua escrita. No fim da página 28 e na página 29, há uma atividade que propõe o trabalho com a transcrição de um trecho de conversa que foi gravado.

**Língua: usos e reflexão**

**Língua falada e língua escrita**

O conto *A aranha* se desenvolve ao longo de uma conversa entre pessoas que aguardam o elevador.

No diálogo criado, para dar ao leitor a impressão de uma situação verdadeira, o autor usa, na escrita, características próprias da língua falada informal, as chamadas **marcas de oralidade**.


Veja quais podem ser essas **marcas da fala** em situação informal:

- emprego de palavras ou expressões usadas no dia a dia, de modo descontraído e sem a preocupação com as regras da gramática normativa. São exemplos no texto lido:  
— “Estávamos *batendo papo*...”  
— “Coisa vivida. *Batatal*!”  
— “... era o violão *velho de guerra*.”  
— “Os clássicos. *Música no duro*...”  
— “*Ora essa!* Ele ficou intrigado.”  
— “*Dito e feito*...” — continuou Eneias.”
- pausas, hesitações, interrupções, que marcam momentos de dúvida, de incerteza, ou de indicação de que uma fala dará lugar a outra (turnos de fala):  
— “Está bem... Então... até logo... Tenho que apanhar o elevador...”  
— “Bem... eu vou indo...”  
— “A luz alaranjada não é do motor, é do.../ — Bem, isso não vem ao caso...”
- repetições de palavras e expressões:  
— “*Não, não* é preciso...”
- uso de expressões que ajudam a dar continuidade ao que se está contando:  
— “Estava escutando. Evidentemente, estava. *Aí*, ele quis completar a experiência.”  
— “*Pois olhe*. Foi com o Melo.”

**Atividade oral**

O próximo texto faz parte de um projeto de pesquisa sobre a **língua falada**. Seu objetivo é conhecer e analisar a maneira de falar das pessoas que cursaram ensino superior e que vivem nos grandes centros urbanos, não porque elas falem “mais certo”, mas justamente para provar que os falantes usam a língua de forma bastante parecida, mesmo que tenham graus de escolaridade muito diferentes.

Trata-se de um trecho de uma conversa que foi gravada e depois transcrita para estudo.



28 Conota – Unidade 1

Figura 4 – *Tudo é linguagem – 7º ano*, p. 28

1 Em duplas: cada um deve assumir a fala de um dos interlocutores. Treinem este diálogo:

**DOC\*** — Bem, então, você podia, começar, falando pra mim é... Você se lembra quando você entrou pra escola seu primeiro dia de aula por exemplo.

**LOC\*\*** — Não, não me lembro. Não me recordo.

**DOC** — Bem, mas...

**LOC** — [Ah sim] tenho recordações do, do meu curso primário mas, primeiro dia. Não me lembro. Eu tenho poucas recordações da infância, não tenho muitas não, assim detalhes eu não tenho, tem alguma coisa assim que fica né, na nossa imagem assim memória, a gente guarda algumas coisas, mas o total mesmo tudo, detalhes assim muito, especificamente de, de... de... dado de detalhes assim, de algum acontecimento assim.

\* Doc = documentador

\*\* Loc = locutor

Prof./a: selecione algumas duplas para a leitura em voz alta. Se quiser mais informações a respeito da língua falada, sugere-se a leitura do livro *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da língua materna*, de Leonor Lopes Fábregas e outras (São Paulo: Cortez, 2002).

Projeto NURC-RJ. Amostra complementar: Inquérito 001 (masculino/ 32 anos).

Tema: instituições, ensino e igreja. Local/ data: Rio de Janeiro, 28 de abril de 1992.

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador.

Documentador: MA. Projeto NURC-RJ <[www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/main.htm/](http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/main.htm/)  
<[www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/corpora/amostracomplementar/inq01.html](http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/corpora/amostracomplementar/inq01.html)>

2 Esse trecho, diferentemente do conto, reproduz uma conversa real. Façam um levantamento das marcas da oralidade presentes no trecho:

- emprego de palavras ou expressões usadas no dia a dia;
- pausas, hesitações ou interrupções;
- repetições de palavras ou expressões;
- uso de expressões que ajudam a dar continuidade à fala.

3 Reúnam-se com mais quatro colegas e discutam sobre um fato escolhido por vocês: um jogo de futebol, uma notícia que impressionou o grupo, um filme, algo ocorrido na escola...

- Se possível façam a gravação dessa conversa.
- Ouçam a conversa gravada e observem as **marcas de fala** que vocês utilizaram.
- Apresentem o que vocês observaram aos outros grupos.

Prof./a: caso não tenha o recurso do gravador, forme grupos para que conversem e peça a um membro da equipe que repare nos marcos de fala para posterior comentário.

## O diálogo na narrativa

### Discurso direto

O autor do conto *A aranha* criou vários diálogos entre as personagens da história.

O **diálogo**, ou **discurso direto**, é um recurso que o autor utiliza para enriquecer a narrativa, para dar maior naturalidade e realismo à fala das personagens. No discurso direto, o narrador reproduz fielmente a fala das personagens cedendo a elas a palavra:

“... O Melo soltou um grito de dor. O rapaz olhou-o. Sem compreender, comentou:

— Que perigo, hein?”

Figura 5 – *Tudo é linguagem* – 7º ano, p. 29

### 3.1.1 Análise dos dados da atividade 1

A atividade 1 é introduzida pelo texto *A aranha*, de Orígenes Lesa, que apresenta as características da língua falada na língua escrita e cuja leitura dramatizada foi trabalhada anteriormente na unidade 1. O texto contém marcas de oralidade, como expressões que são utilizadas no dia a dia, pausas, hesitações, repetições, retomadas etc.

Em seguida, a seção “Atividade oral” traz um recorte de uma fala transcrita no Projeto NURC-RJ e propõe um levantamento das marcas de oralidade apreendidas no texto sobre língua falada e língua escrita presentes no trecho transcrito e sugere também que os alunos gravem e transcrevam um trecho de uma conversa que vão produzir.

Há uma nota para o professor orientando-o caso não haja um gravador para os alunos registrarem sua conversa. A nota sugere que um membro do grupo repare nas marcas de oralidade e, ao término da conversa, comente sobre essas marcas. Nesse caso, o ponto negativo dessa atividade é que as informações seriam perdidas e não daria a chance de todos os alunos perceberem as marcas de oralidade em suas próprias falas, além de se perder o recurso de ir e voltar para determinados trechos da conversa.

O ponto positivo dessa atividade é o fato de ela fazer uma apresentação prévia do tema tratado, expor a prática da transcrição de uma conversa, viabilizar uma discussão sobre esse assunto e só depois propor a atividade com a língua oral de fato. Além disso, o exercício é coerente com a realidade do aluno, pois trabalha a partir de uma produção própria deles.



### **3.1.2 Análise dos dados da atividade 2**

A atividade 2 trabalha em torno do gênero jornal e propõe um debate sobre manipulação de informações por parte da mídia. São dadas duas frases: a primeira é uma afirmação de que os jornais falsificam notícias; a segunda é uma questão que aponta para uma possível manipulação de informações realizada pelos jornais.

Há uma nota para o professor na página da atividade que sugere que a turma seja dividida em dois grupos, um de alunos que são a favor da frase 1 e outro com de alunos que são a favor da frase 2. Em seguida, os grupos deverão expor oralmente seus argumentos.

Esse exercício colabora para a formação do aluno como cidadão crítico, além de ser conduzido a utilizar argumentos plausíveis e que não caíam em clichês. Na promoção dessa discussão, é importante também que o aluno seja orientado a expor seus argumentos de modo mais formal e convincente.

**Atividade 3** – A seção “Atividade oral” propõe a leitura do trecho retirado de um texto trabalhado anteriormente na unidade 4.

▶ **pretérito imperfeito:** expressa um fato ou uma ação que era habitual ou costumava acontecer no passado; também pode indicar que é uma ação que teve continuidade naquele momento do passado.

Exemplo:  
“Em vez de falar em voz alta, eu gritava. Gritava para mim mesmo...”

Observe que o narrador se refere a uma ação que ocorreu no passado durante algum tempo. Não teve um início e um término rápidos.  
Essa forma verbal indica uma ação *em continuidade* no passado.

▶ **pretérito mais-que-perfeito:** indica um fato que ocorreu no passado antes de outro também no passado.

Tentava fazer os nós para segurar o cabo que se partira com o vento.

↓ ação iniciada no passado      ↓ ação que ocorreu antes da ação de tentar fazer os nós

Sugestão: “Enquanto isso, o vento soprava ainda pela popa e, como navegamos com todas as velas enfunadas, o navio por vezes era fisicamente suspenso acima das águas!”  
Prof./a: os alunos poderão empregar formas comparativas como “estava soprando” ou “tinham navegado”.

**Atividade oral**

Releia o trecho a seguir como se estivesse narrando o fato depois de muito tempo. Empregue os verbos em terceira pessoa, como um narrador que está distante do acontecido.

“Enquanto isso, o vento sopra ainda pela popa e, como navegamos com todas as velas enfunadas, o navio por vezes é fisicamente suspenso acima das águas!”

Responda: houve necessidade de utilizar alguma forma verbal que indica ação em continuidade no passado? Se a resposta for afirmativa, identifique essa forma verbal.

Prof./a: é importante que os alunos percebam que esse trecho mostra uma ação contínua, algo que estava acontecendo durante a tempestade e que se repete. Daí a necessidade de uso do imperfeito.

**Flexões verbais**

Relembremos o conceito de verbo:

**Verbo** é a palavra que indica ação, estado, mudança de estado, fenômeno da natureza e outros processos, situando-os no tempo. É uma palavra que se flexiona em pessoa, número, tempo, modo e voz.

O verbo é uma das palavras que mais varia, isto é, que mais se **flexiona**. Vamos rever como ocorrem essas flexões.

**1. Pessoa e número**

Como já vimos, as flexões de **pessoa** e de **número** têm como base as pessoas gramaticais. Leia a seguir o quadro com o verbo *navegar*:

**Figura 7** – *Tudo é linguagem* – 7º ano, p. 136

### 3.1.3 Análise dos dados da atividade 3

A atividade 3 apresenta um trecho do texto intitulado *Textos de viagem*, de Marina Bandeira Klink, lido anteriormente na unidade 4. É solicitado ao aluno que ele releia o texto como se fosse um narrador contando uma história que aconteceu há muito tempo. Para isso, é necessário que o aluno modifique o tempo dos verbos presentes no trecho para dar a ideia de que a ação é contínua.

Nesse caso, a atividade é mais gramatical que oral, pois o fato de o aluno ter de narrar um texto não o leva a ler o texto em voz alta, ele pode escrevê-lo e certamente o fará dessa forma, pois terá de identificar os verbos e alterá-los.

Mesmo que se peça aos alunos que leiam o resultado final para o restante da sala em voz alta, o que não é proposto nessa atividade, apenas se deduz por estar dentro da seção “Atividade oral”, ainda assim a atividade não trabalharia a oralidade de fato, pois não exige uma grande dramatização da parte do aluno, além disso, seria cansativo se cada aluno lesse o seu resultado, pois todos seriam muito parecidos.

**Atividade 4** – A produção de um jornal falado é a atividade proposta na seção “Produção de texto” das páginas 212 e 213.

**Produção de texto**

**O jornal falado**

Hoje em dia, os veículos mais utilizados para a divulgação de notícias são o rádio e a tevê. Nesses meios de comunicação o **tempo** é um fator muito importante: as notícias precisam ser claras e objetivas, conter as informações principais e ser faladas em curto espaço de tempo. Por isso elas são preparadas por escrito antes de sua apresentação.

**A. Preparando a notícia para um jornal falado: o resumo**

**Em duplas**, preparem o resumo da notícia “A selva como laboratório”, página 193, para ser lido sob a forma de jornal falado.

Para fazer o **resumo**, sigam os seguintes passos:

1. Releiam as respostas dadas às questões sobre o *lead* da notícia “A selva como laboratório”.
2. Seleccionem e anotem as ideias principais de cada um dos parágrafos subsequentes. Lembrem-se de que, geralmente, cada parágrafo traz uma ideia-chave, ou uma ideia principal. Por exemplo: no 2º parágrafo, a ideia que poderá ser seleccionada é: *satélites coletarão dados, aviões coletarão amostras do ar e sensores no solo acompanharão o comportamento dos animais, enquanto houver o incêndio e nos seis anos seguintes.*
3. Juntem as informações e redijam seu texto-resumo da notícia.
4. Troquem entre vocês os textos e observem como uma mesma notícia pode ser expressa de diferentes maneiras.
5. Leiam o texto-resumo em voz alta para que os colegas ouçam e verifiquem se os dados principais ficaram claros.

Sugestões: 3º parágrafo: Objetivo da pesquisa; compreender o que acontece na própria floresta utilizada como laboratório; 4º parágrafo: informações sobre o coordenador do projeto; especialista em analisar fenômenos de grande impacto sobre a natureza (seca, queimada); 5º parágrafo: O projeto ajuda a entender como a devastação da mata pelo fogo interfere no regime de chuvas e como a saúde da floresta pode interferir nos negócios agrícolas.

**B. Preparando um jornal falado**

1. Seleccionem uma notícia interessante, de jornal, de revista ou da internet, para ser apresentada.
2. Façam o resumo da notícia seleccionada, seguindo os passos da atividade anterior.
3. Vejam ou ouçam alguns jornais veiculados pela televisão ou pelo rádio. Observem a entonação da voz e, no caso da tevê, a postura dos apresentadores desses jornais, a forma como anunciam as *manchetes* (chamadas das notícias na abertura dos jornais). Planejem como será a apresentação de vocês: postura, entonação de voz, ritmo da leitura (marcado pelo texto que cada um deve falar), tempo de fala, etc.
4. Pensem em qual será o tipo de público que presenciará a apresentação do jornal.
5. Ensaíem a leitura do texto em voz alta.

212

Notícia – Unidade 6

**Figura 8** – *Tudo é linguagem* – 7º ano, p. 212

### C. Apresentação do jornal falado

1. Marquem com o/a professor/a o dia para a apresentação do jornal falado.
2. Organizem a ordem de apresentação das notícias trazidas pelas duplas: elas serão apresentadas por assunto (política, esporte, economia, cidade...), como num jornal escrito? Ou seguirão outra ordem: as mais interessantes ficarão para o final ou serão alternadas com outras de menor interesse?
3. Marquem o tempo de apresentação de cada dupla.
4. Não se esqueçam de que:
  - a leitura deve ser clara;
  - a expressividade deve ser adequada ao texto falado: a apresentação deve produzir no espectador o efeito de verdade, característico dos jornais ao vivo;
  - deve-se observar uma postura adequada ao ler a notícia: tronco ereto, mas natural, a cabeça voltada para a frente, para que os espectadores possam ver a movimentação dos lábios e os olhos do apresentador e sentir segurança no que ele diz.

### A notícia

- 1 Escolha um fato que mereça ser noticiado.
- 2 Prepare uma notícia com todas as partes que você estudou: manchete, olho, lead, corpo do texto com as informações complementares e o fechamento.
- 3 Se quiser, fotografe algo que ilustre sua notícia.

Não se esqueça:

- a. da objetividade da linguagem;
- b. de evitar frases longas, pois isso dificulta a agilidade da leitura;
- c. de atrair o leitor com uma manchete que possa despertar interesse.

### Revisão e avaliação da notícia

- Releia sua notícia.
- Verifique se ela contém todas as partes:
  - manchete;
  - olho;
  - lead;
  - corpo do texto.

**Figura 9** – *Tudo é linguagem* – 7º ano, p. 213

### 3.1.4 Análise dos dados da atividade 4

A atividade 4 sugere como produção textual a elaboração e apresentação de um jornal falado de rádio ou televisão. A atividade fornece o passo a passo da produção de um jornal falado.

Em primeiro lugar, indica como fazer a preparação da notícia que será veiculada, elaborando um resumo por escrito como um planejamento de informações e tempo que será gasto para dar a notícia que se pretende.

Em seguida, os alunos são orientados sobre a preparação do jornal falado de fato, sugerindo que eles assistam a alguns jornais e prestem atenção aos detalhes como a postura do apresentador, a forma como anunciam as notícias. É pedido aos alunos que pensem em um público-alvo e que ensaiem o texto em voz alta, expressando o efeito de verdade que deve ser dado ao texto jornalístico.

Essa atividade dá ao aluno a noção de como um jornal falado é produzido e leva-o a prestar atenção a como os profissionais desse ramo trabalham com esse gênero, aos detalhes e peculiaridades dele e aos efeitos que eles devem produzir no texto quando dão uma notícia. A mistura de língua escrita e língua falada desmistifica o fato de uma modalidade ser oposta a outra ou de soberania da modalidade escrita, já que neste caso, o produto final é de modalidade oral.

No geral, o manual do professor não apresenta sugestões de como trabalhar com as atividades. Há apenas uma breve abordagem teórica sobre o gênero em questão em cada unidade e algumas sugestões bibliográficas, caso o professor queira se aprofundar no tema.

Outra característica presente nesse volume é a seção “Um bom debate” que permeia o volume inteiro, várias vezes por unidade, e traz, por vezes, discussões sobre oralidade. No entanto, o nome da seção já sugere um gênero oral, o debate, o que torna a atividade um tanto repetitiva.

Esse volume tem uma grande quantidade de trabalhos com a oralidade, embora o índice aponte apenas alguns deles como produção textual oral. As atividades são por vezes bem elaboradas. No entanto, falta mais direcionamento ao professor sobre como elaborar a atividade ou até mesmo sobre algumas sugestões de extensão das atividades.

### 3.2 Atividades do livro Radix – Português – 8º ano

Neste item, serão apresentadas atividades do livro *Radix – Português – 8º ano*. Em primeiro lugar, serão mostradas as reproduções com as páginas onde os exercícios sobre a oralidade se encontram. Ao final da reprodução de cada atividade, será realizada uma análise sobre ela.

**Atividade 1** – Na página 59, na seção “Para além do texto”, é apresentada uma atividade de leitura e expressão oral que consiste em uma roda de histórias de caráter biográfico.

**Para além do texto**

### Leitura e expressão oral

**Biografias** são histórias da vida das pessoas. Quem coleciona memórias – fatos da própria vida – e as escreve, produz uma **autobiografia**. Se *a memória não me falha*, de Sylvia Orthof, é um bom exemplo disso, com histórias bem-humoradas da infância e adolescência que retratam costumes antigos: namoros, relação entre pais e filhos, entre meninos e meninas, rebeldia contra padrões antigos etc.

Leia um dos livros indicados na seção **Sugestões de leitura** a seguir. Zélia Gattai conta a história de sua família recém-chegada da Itália e do cotidiano dos imigrantes no início do século XX – com humor e linguagem bastante acessível. Maria Adelaide Amaral, em forma de teatro, conta a incrível história da vida de Chiquinha Gonzaga.

Depois, organize uma Roda de histórias de caráter biográfico para que cada um conte a vida de um personagem famoso de um dos livros sugeridos.

Como a Roda de histórias constitui uma modalidade de fala pública – e a turma já tem alguma experiência no gênero –, as normas a serem seguidas para sua realização podem ser elaboradas em conjunto. Pensem no tempo que será destinado à fala de cada um, na postura ao falar e ao ouvir, na utilização de material de apoio (cartazes, desenhos, resumos, exposição dos próprios livros para que os colegas os folheiem), em como esse material poderá ser utilizado, na necessidade de um coordenador etc.

Terminada a atividade, avaliem a importância da leitura e da transmissão de conhecimentos adquiridos por meio dela.

### ALGO A MAIS

Nos últimos anos, cresceu o interesse do público leitor por memórias e biografias. Os catálogos das editoras apresentam livros sobre as mais diversas personalidades de todos os tempos:

- personagens da cena política, como *Olga* (depois transformado em filme), de Fernando Moraes;
- da cena artística, como *Cazuza: só as mães são felizes*, de Lucinha Araújo e Regina Echeverria;
- dos esportes, como *Ayrton: o herói revelado*, de Ernesto Rodrigues, ou *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*, de Ruy Castro;
- romances cujo personagem central é um grande conquistador da história, como *Alexandre, o Grande*, de E. E. Rice, também tema de filme.

Ainda na linha de memórias, há *O diário de Anne Frank*, da própria Anne, a adolescente judia que relata de forma comovente seus sonhos, esperanças e sentimentos no período em que esteve presa num esconderijo com sua família, durante a Segunda Guerra Mundial.

### SUGESTÕES DE LEITURA

AMARAL, Maria Adelaide. *Ô abre alas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LEITE, Márcia. *Qual é a minha?* São Paulo: Scipione, 2004.

REGO, José Lins do. *Menina de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Adaptação de Leonardo Chianca. São Paulo: Scipione, 2002.

Professor(a): Há inúmeras personalidades biografadas em livros; muitas vezes o interesse dos alunos por seus livros pode ser estimulado para a leitura. Citem-se alguns: Inês das Neves há mais de uma biografia da memória pessoal; Ernesto Guaneta, Gandhi, Fidel Castro, Einstein, Nelson Mandela, Princesa Diana, Heriberto, Narayana, Fernando Pessoa, Eric Regnier, Maya, Elvis Presley, Bob Marley, Jimi Hendrix, John Lennon, Zidane, entre outros.

54

Figura 10 – *Radix – Português – 8º ano*, p. 54

### **3.2.1 Análise dos dados da atividade 1**

A atividade 1 apresenta a proposta de uma roda de histórias de caráter bibliográfico. Ela é iniciada pelo significado dos termos biografia e autobiografia. São dadas seis sugestões de leitura de biografias para que cada aluno escolha uma para posteriormente contar ao restante dos colegas sobre a vida do personagem de seu livro.

O exercício orienta aos alunos a se atentarem para o tempo que deverão utilizar para contar a vida de seu personagem; a postura que se deve ter no momento da fala e da escuta; e os materiais extras, como cartazes, fotos etc., que ajudam na exposição do assunto.

Essa atividade proporciona um momento para que os alunos falem em público atentando para alguns cuidados que devem ser levados em consideração ao se produzir o gênero oral público, como postura, volume da voz, entre outros.

Os alunos podem não se interessar pelas biografias sugeridas pelo livro, de modo que seria mais interessante deixar essa escolha a critério deles para que assim eles tenham mais prazer ao desenvolver essa atividade e para que ela se torne mais próxima da realidade deles e de suas preferências.

**Atividade 2** – No item “Expressão oral” é proposta uma atividade com leitura expressiva enfatizando o sotaque, tomando como base a fala da personagem Sofia que aparece no texto trabalhado anteriormente no capítulo 5.

Expressão oral

Ao reproduzir as falas de Sofia, o autor procurou destacar o modo como a dona do mercadinho pronuncia certas palavras. Pelas falas dela, percebemos que o português não é sua língua materna. Sofia fala português (tanto que consegue se comunicar com os meninos), mas fala com sotaque diferente do deles.

Observe a seguinte definição de **sotaque**:

“Um modo particular de pronunciar uma língua. Em qualquer língua que não seja falada apenas por um punhado de falantes, há fortes diferenças sociais, regionais e individuais no modo como a língua é pronunciada por diferentes pessoas; às vezes, essas diferenças são impressionantes. Cada tipo distinto de pronúncia é chamado **sotaque**. Dependendo de nossa origem e da experiência que temos, seremos capazes de identificar sotaques diferentes do nosso com maior ou menor precisão.”

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto: 2004. p. 281.

Onde você mora, provavelmente há pessoas que falam a língua portuguesa com sotaque diferente do seu. Procure observar a fala dessas pessoas (seria interessante se você conseguisse gravá-las), depois exponha para a classe quais são as principais diferenças entre a pronúncia delas e a sua. Procure observar também se, além do sotaque, há outras diferenças, como vocabulário utilizado e modo de construir as frases.

Expressão escrita

Responda no caderno as questões que seguem.

1. Um dos elementos essenciais dos textos narrativos é o narrador, aquele que relata o fato. Nos textos ficcionais, que são fruto da imaginação humana, o narrador não deve ser confundido com o autor. Enquanto o autor tem existência real, o narrador é uma entidade ficcional, que pode ou não ser personagem da história que conta. Como você caracteriza o narrador do texto **Sofia**?
2. Pelo texto, é possível saber a nacionalidade de Sofia?
3. A linguagem que o autor utilizou para reproduzir as falas de Sofia é adequada, tendo em vista sua provável nacionalidade? Qual foi a intenção do autor ao reproduzir as falas dela desse modo, e não no padrão formal? Registre sua opinião.
4. **Sofia** enquadra-se no gênero conto, uma narrativa ficcional breve. Nesse conto, Luiz Vilela faz um relato de travessuras típicas da infância. Comente as brincadeiras que os meninos faziam com Sofia. Eles agiam com maldade?
5. Um fato foi determinante para que os meninos se arrependessem de ter praticado tantas travessuras com Sofia. Qual?
6. Numa das brincadeiras com Sofia, pergunta-se a ela:

“Sofia quer gombra galinha de raça?”

Responda: nessa frase, o que o menino quis dizer com “gombra”? Por que ele falou dessa maneira?

83

**1.** Sofia é uma narração em terceira pessoa, em que o narrador não participa dos acontecimentos. No caso, o narrador é onisciente, sabe tudo a respeito dos personagens. **Professor(a):** Destaque as passagens [...] e isso os deliciava...], “Eles já sabiam, e ela sabia que eles sabiam”, “[...] deve ser nome feio pensavam...],” entre outras que revelam a onisciência do narrador. Destacar também que Luiz Vilela é autor do texto e não o narrador. **2.** Embora não fique explícita, provavelmente Sofia seja da origem síria, libanesa ou armênia. Na brincadeira dos meninos, ela é chamada de “turca”. **Professor(a):** Comente com os alunos que, no Brasil, os imigrantes de origem árabe (palestinos, libaneses, sírios etc.) ou armênia são erroneamente designados “turcos”. **3.** Salientar a perfeita adequação linguagem/ personagem. O autor procura reproduzir o modo de falar dos imigrantes “turcos”. Comente que as falas de Sofia, do modo como estão registradas, têm importante função estilística, pois, por meio delas, é possível caracterizar a personagem. **4.** Resposta pessoal. **Professor(a):** Os meninos queriam se divertir à custa de Sofia, assustando-a e fazendo brincadeiras para irritá-la. **5.** O fato de ela ter se emocionado e chorado porque os meninos lhe deram, como presente de aniversário, seu próprio trabalho. **6.** “Gombra” foi empregado em lugar de “comprar” (Sofia quer comprar galinha de raça?). O personagem usa “gombra” em lugar de “comprar” para imitar o sotaque de Sofia.

**Figura 11** – Radix – Português – 8º ano, p. 83

### **3.2.2 Análise dos dados da atividade 2**

A atividade 2 está dentro da seção “Expressão oral” e chama atenção dos alunos para a forma como a personagem Sofia, do texto de mesmo nome, de Luiz Vilela, fala. A língua materna de Sofia não é brasileira e pode-se perceber isso pelo seu sotaque. Em seguida, há a definição de sotaque.

O exercício propõe uma observação e até mesmo uma gravação de pessoas conhecidas dos alunos que falam com sotaque. Depois, os alunos devem expor os sotaques que conseguiram observar e se há alguma diferença no vocabulário ou na forma de construir as frases.

O manual do professor orienta o educador a salientar aos alunos que não há como todos os falantes de uma língua pronunciar as palavras exatamente da mesma maneira e que essas diversas formas de pronúncias são frutos de fatores sócio-históricos.

Essa prática é interessante para que os alunos observem em seu dia a dia as diferenças de sotaques, vocabulário e construção de frases e que, com essas diferenças, as pessoas conseguem se comunicar. No entanto, é necessário o professor ficar atento e não permitir que nenhum tipo de preconceito seja apontado na aula em questão.

**Atividade 3** – Em “Expressão oral”, é sugerida a leitura em voz alta do poema *As sem-razões do amor*, de Carlos Drummond de Andrade, apresentado no início do capítulo 9.


MÓDULO 6

Expressão oral

Uma das condições para se fazer uma boa leitura em voz alta é a compreensão do que se lê. Ela determinará as pausas, as ênfases, o ritmo da leitura.

Leia o poema **As sem-razões do amor**, atentando para o seu sentido e procurando determinar onde as pausas devem ser feitas. Depois, faça a leitura em voz alta, respeitando o ritmo que o poeta imprimiu em seu texto. Observe, por exemplo, o que ocorre nos quatro versos a seguir:

“Eu te amo porque não amo  
Bastante ou demais a mim.  
Porque amor não se troca,  
Não se conjuga nem se ama.”



As pausas mais fortes deverão ser feitas ao final do segundo e do quarto versos. Do primeiro para o segundo, há uma continuidade; se for feita uma pausa no final do primeiro verso, seu sentido estará prejudicado. Entre o terceiro e o quarto, há uma pausa leve – a pausa da vírgula.

Observe esses aspectos no poema inteiro e leia-o com as pausas corretas e muita expressividade.

Expressão escrita

- 1 • O poema inicia-se com uma afirmação: “Eu te amo porque te amo.”
  - a) Duas pessoas são mencionadas nesse verso. No caderno, indique quem são e as palavras utilizadas para mencioná-las.
  - b) Tendo em vista o fato de que a conjunção **porque** é utilizada para dar a causa, a explicação, a justificativa de alguma coisa, comente, em seu caderno, a segunda parte desse verso.
- 2 • Procure no dicionário o significado da palavra **amante**. Com que sentido ela é usada no segundo verso? Depois de ler o segundo e o terceiro versos, você diria que o eu poético é amado?
- 3 • Releia os versos do quadro e responda às questões:
 

“Amor é estado de graça / E com amor não se paga.”

  - a) Nesses versos, o poeta faz referência a um famoso dito popular. Qual é ele?
  - b) Entre esses dois versos, há uma relação de concordância ou de oposição de ideias? Explique.
- 4 • Leia:
 

“Amor é dado de graça / É semeado no vento, / Na cachoeira, no eclipse.”

Para você, o que significa **semeiar no vento, na cachoeira, no eclipse**?

**Figura 12** – Radix – Português – 8º ano, p. 144

### 3.2.3 Análise dos dados da atividade 3

A atividade 3 consiste na leitura expressiva do poema *As sem-razões do amor*, de Carlos Drummond de Andrade. Há uma exposição de parte da terceira estrofe do poema e orientações sobre como ele deve ser lido, mostrando onde há pausas mais fortes que devem ser respeitadas para que não se perca o sentido do poema.

Há apenas a prática de leitura de um poema e o livro expõe apenas como um único trecho deve ser lido. Não há nenhum respaldo para o professor quanto à forma em que o restante dele deve ser lido. Sem treinamento, o aluno ficará um pouco desorientado quanto à leitura do restante desse poema e de outros que possa vir a encontrar no decorrer do ano.

**Atividade 4** – Nas páginas 161 e 162 são propostas leitura e discussão sobre poemas musicados a partir da canção *Codnome beija-flor*, que ganhou fama na voz de Cazuzza.

## Hora do texto

### Codnome Beija-flor

Pra que mentir  
Fingir que perdoou  
Tentar ficar amigos sem rancor  
A emoção acabou  
Que coincidência é o amor  
A nossa música nunca mais tocou  
Pra que usar de tanta educação  
Pra destilar terceiras intenções  
Desperdiçando o meu mel  
Devagarinho, flor em flor  
Entre os meus inimigos, beija-flor  
Eu protegi teu nome por amor  
Em um codinome, Beija-flor  
Não responda nunca, meu amor (nunca)  
Pra qualquer um na rua, Beija-flor  
Que só eu que podia  
Dentro da tua orelha fria  
Dizer segredos de liquidificador  
Você sonhava acordada  
Um jeito de não sentir dor  
Prendia o choro e aguava o bom do amor  
Prendia o choro e aguava o bom do amor



**codinome:**  
[De còdi [go]  
+ nome.]  
Designação  
que esconde a  
identidade de  
um indivíduo.

CAZUZA; ARIAS, Retnaldo; NEVES, Ezequiel. Codinome Beija-flor. In: *O tempo não para*. (LP). Polygram, 1988.

© 1988 - Sigen Sinfonia Clássica de Edições Musicais Ltda.  
© 1988 - EMI Music Publishing Brasil Ltda.  
© 1998 by EMI Music Publishing Brasil

**Cazuzza** nasceu em 1958. Foi um dos nossos grandes cantores e compositores. Na década de 1980 foi vocalista da banda de rock *Barão Vermelho*, que se tornou rapidamente uma das mais famosas da época. Logo depois partiu para uma carreira solo muito bem-sucedida. Em 1989 declarou ser portador do vírus da Aids, ato inédito até então no meio artístico. No dia 6 de julho de 1990, morreu devido a complicações decorrentes da Aids. Alguns de seus grandes sucessos foram: *Ideologia* e *Exagerado*.

### Expressão oral

**Codnome Beija-flor** é a letra de uma canção. Quando a lemos, a melodia vem imediatamente em nossa memória acompanhando seus versos. Leia-os em voz alta e discuta com seus colegas: qual é a sensação de ler uma letra de canção e não cantá-la? Soa estranho? Existem letras que aceitam bem uma leitura e outras, não? Você conhece poemas que foram musicados? Qual foi o resultado?

**161**

**Figura 13** – Radix – Português – 8º ano, p. 161

**Professor(a):** Se possível, providencie o CD para os alunos ouvirem e cantarem. Trabalhar com a canção pressupõe a união de duas linguagens: a verbal e a musical. As letras mais pobres em recursos poéticos apenas se sustentam com o apoio da música. Num caso ou no outro, porém, letra e música acabam por formar um conjunto indissociável, o que torna estranha a simples leitura da letra. Os poemas musicados, por sua vez, também podem causar estranheza. Isso nos leva a concluir que os textos apresentam uma especificidade que os faz bons, como poemas ou letras de música, principalmente porque já são criados com intenções e finalidades diferentes e divulgados em suportes também diferentes. Como complementação da atividade, é possível pedir aos alunos que tragam à classe letras de músicas conhecidas e que as leiam em voz alta, para depois emitir suas impressões. Se algum aluno tiver gravações de poemas musicados, também é interessante ouvir e avaliar. 1. a) A informação sobre o rompimento de uma relação amorosa. b) O eu lírico, quem ama ("Eu protegi teu nome por amor"); a mulher amada, de quem o eu lírico está separado ("Você sonhava acordada"); terceiros ("entre os meus inimigos..."). c) Resposta pessoal. 2. a) O texto fornece algumas pistas: o verbo "perdoar" e o substantivo "rancor" levam a crer que tenha havido uma traição. b) Interessa-lhe mais falar dos sentimentos que envolvem/envolvem o rompimento. 3. A ironia está na "coincidência". Na verdade, não há coincidência; há o fato de que o amor acabou; por isso não há mais música, não há mais emoção.

Depois da discussão, cante a canção de Cazuzu com seus colegas. Vale a pena!



◀ Vinícius de Moraes, Caetano Veloso e Chico Buarque de Hollanda: outros grandes poetas da música popular brasileira.

## Expressão escrita

Muitas vezes gostamos de uma canção mais pela melodia do que pela letra. Outras, a letra nos diz tanto que a melodia passa a ser secundária. Há ocasiões, porém, em que letra e melodia formam um conjunto tão bonito, que acaba se tornando um clássico da música popular. Talvez seja o caso de **Codinome Beija-flor**, de Cazuzu. Vamos examinar os recursos utilizados nessa letra.

### 1 • Leia novamente:

"Pra que mentir / Fingir que perdoou / Tentar ficar amigos sem rancor"

- Que informação esses versos nos trazem?
- Que pessoas estão envolvidas nesse caso amoroso? Cite palavras do texto que comprovem sua resposta.
- Em sua opinião, é possível "ficar amigos sem rancor" depois que o amor acaba? Justifique.

### 2 • No texto, o motivo do rompimento não é revelado claramente. Responda:

- O texto fornece alguma pista a respeito desse motivo? Qual? Que motivo seria esse?
- Por que o motivo do rompimento não é revelado? Afinal, interessa ao eu lírico falar de quê?

### 3 • Explique a ironia presente nestes versos:

"A emoção acabou / Que coincidência é o amor / A nossa música nunca mais tocou."

### 4 • Releia:

"Pra que usar de tanta educação  
Pra destilar terceiras intenções  
Desperdiçando o meu mel  
Devagarinho, flor em flor  
Entre os meus inimigos, beija-flor"

A ironia é o recurso de linguagem que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo, muitas vezes com intenção sarcástica.

Agora leia este verbete e responda ao que se pede.

## destilar

[Do lat. *destillare*.]

### Verbo transitivo direto

- Submeter (uma substância) a destilação; estilar.
- Deixar cair gota a gota; ressumar, gotejar, estilar.
- Fig. Instilar; insinuar.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Dicionário Eletrônico - Versão 5.0. Ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo/Positivo Informática, 2004.

### 3.2.4 Análise dos dados da atividade 4

A atividade 4 trata da discussão e leitura de poemas musicados. A letra da música *Codinome beija-flor* é apresentada e, na sequência, há na seção “Expressão oral” a proposta de uma discussão sobre a leitura de letras de músicas. Em seguida, na página 162, propõe-se que os alunos cantem a canção apresentada.

O gênero música está bastante presente na vida das pessoas, principalmente na dos alunos dessa faixa-etária. É interessante a proposta de se discutir sobre como é ler a letra de uma canção e a melodia vir à cabeça ou simplesmente não se conseguir lê-la sem cantá-la. Também é satisfatório levantar poemas que foram musicados.

O manual do professor ressalta que é importante o educador mostrar aos alunos que há músicas muito benfeitas e que podem ser lidas como poemas, pois apresentam recursos poéticos e que há músicas não tão bem elaboradas que não se sustentam como poemas.

É satisfatório que os alunos sejam levados a essas reflexões. No entanto, há aqui apenas a proposta de um trabalho comparativo e não um trabalho com a oralidade de fato. Há, novamente, uma proposta de leitura de poema.

Este volume proporciona algumas sugestões de aprofundamento no manual do professor de apenas algumas atividades presentes no livro. São propostas que enriquecem de fato o trabalho da atividade em sala de aula e realmente auxiliam no trabalho do professor.

### 3.3 Trajetórias da palavra – 8º ano

Neste item, serão apresentadas atividades do livro *Trajetórias da palavra* – 8.o ano. Em primeiro lugar, serão mostradas as reproduções com as páginas onde os exercícios sobre a oralidade se encontram. Ao final da reprodução de cada atividade, será realizada uma análise sobre ela.

**Atividade 1** – As páginas de 50 a 53 apresentam a crônica *Rápido*, de Luis Fernando Verissimo e são sugeridas a leitura expressiva dela e uma discussão sobre ela.

The image shows two pages from a textbook. The top page (page 53) is titled "III. Discurso indireto livre" and contains two numbered activities. Activity 1 asks the student to observe a text excerpt and answer two questions about the narrator and the type of discourse. Activity 2 asks the student to identify and describe indirect discourse in another text excerpt. The bottom page (page 50) is titled "II. Leitura expressiva" and features a section for the crônica "RÁPIDO" by Luis Fernando Verissimo. It includes a large quotation mark graphic and a small photo of a person speaking into a microphone. The text of the crônica is visible, discussing the brevity of life and the power of poetry. A small circular icon in the top right of the page says "Retomada página 83". At the bottom left, the page number "50" and the unit title "UNIDADE I: RELAÇÕES AFETIVAS" are visible.

**III. Discurso indireto livre** Retomada página 83

**1** ▶ Observe o trecho abaixo:

“No fim de contas, que era mesmo que ela sentia por Pedro? Amor? Nojo? Ódio? Pena?”

a) Quem faz as reflexões acima, o narrador ou a personagem?

b) Esse trecho foi escrito em forma de discurso indireto livre. A partir de sua observação, defina esse tipo de discurso.

**2** ▶ No fragmento abaixo, identifique o trecho que apresenta discurso indireto livre. Escreva-o no caderno.

“Temia também que os homens da casa cometessem alguma violência. Eles tratavam Pedro como um ser inferior e não lhes passaria nunca pela cabeça a ideia de que Pedro Missioneiro jamais pudesse fazer parte da família. Ana conhecia casos de pais que matavam as filhas ao sabê-las desonradas. Honra se lava com sangue!”

**PRODUÇÃO DE**  
**T**exto oral

**II. Leitura expressiva**

O texto do início do capítulo é do conhecido romancista Erico Verissimo. A seguir você lerá uma crônica do também escritor Luis Fernando Verissimo, filho do romancista.

**66** **RÁPIDO**

Acho que era o Marcel Marceau que tinha uma pantomima em que ele representava a vida de um homem, do berço ao túmulo, em menos de um minuto. Shakespeare, claro, tem seu famoso solilóquio sobre as idades do homem que também é uma maravilha de sintetização poética. Nossas vidas, afinal, comparadas com a idade do Universo, se desenrolam em poucos segundos. Cabem numa página de diálogo.

**50** UNIDADE I: RELAÇÕES AFETIVAS

Figura 15 – *Trajetórias da palavra* – 8º ano, p. 50

- Quer dançar?
- Obrigada.
- Você vem aqui sempre?
- Venho.
- Vamos namorar firme?
- Bom... Você tem que falar com o papai...
- Já falei com seu pai. Agora é só marcar a data.
- 26 de julho?
- Certo.
- Não esqueça as alianças...
- Você me ama?
- Amo.
- Mesmo?
- Sim.
- Sim.
- Parece mentira. Estamos casados. Tudo está acontecendo tão rápido...
- Sabe o que foi que disse o noivo nervoso na noite de núpcias?
- O quê?
- Enfim, S.O.S.
- Você estava nervoso?
- Não. Foi bom?
- Mmmm. Sabe de uma coisa?
- O quê?
- Eu estou grávida.
- É um menino!
- A sua cara...
- Aonde é que você vai?
- Ele está chorando.
- Deixa... Vem cá.
- Meu bem...
- Hmm?
- Estou grávida de novo.
- É menina!
- O que é que você tem?
- Por quê?
- Parece distante, frio...
- Problemas no trabalho.
- Você tem outra!
- Que bobagem.
- É mesmo... Você me perdoa?
- Vem cá.



Figura 16 – Trajetórias da palavra – 8º ano, p. 51

- Aqui não. Olha as crianças...
- O Júnior saiu com o carro. Ia pegar uma garota.
- Você já falou com ele sobre...
- Já. Ele sabe exatamente o que fazer.
- O quê? Você deu instruções?
- Na verdade ele já sabia melhor do que eu. Essa geração já nasce sabendo. Só precisei mostrar como se usa o macaco.
- O quê?!
- Ah, você quer dizer... Pensei que fosse o carro. E a Beti?
- Parece que é sério.
- Ela e o analista de sistemas?
- É. Aliás...
- Estão vivendo juntos. Eu sabia!
- Ela está indo para o hospital.
- Já?!
- São gêmeos!
- Sabe que você até que é uma avó bacana?
- Quem diria...
- Vem cá.
- Olha as crianças.
- Que crianças?
- Os gêmeos. A Beti deixou eles dormindo aqui.
- Ai.
- Que foi?
- Uma pontada no peito.
- Você tem que se cuidar. Está na idade perigosa.
- Já?!
- Sabe que a Beti está grávida de novo?
- Devem ser gêmeos outra vez. O cara trabalha com o sistema binário.
- Esse conjunto do Júnior precisa ensaiar aqui em casa? Que inferno!
- E o nome do conjunto? Terror e êxtase.
- Vão acordar os gêmeos.
- Ai.
- Outra pontada?
- Deixa pra lá. Olha, essa música até que eu gosto. Não é um rock-balada?
- Não. Eles estão afinando os instrumentos.
- Quer dançar?
- Não! Você sabe o que aconteceu da última vez.

(VERISSIMO, Luis Fernando. Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 139-42.)

© by Luis Fernando Verissimo

Figura 17 – Trajetórias da palavra – 8º ano, p. 52

- 1 > Qual é o tema dessa crônica?
- 2 > Na sua opinião, o que significa o título da crônica?
- 3 > Você achou o texto engraçado? Por quê?
- 4 > Qual tipo de discurso é mais empregado no texto?
- 5 > Você percebeu que a voz do narrador aparece apenas no começo da crônica? Qual efeito isso provoca sobre a leitura?
- 6 > O professor chamará três alunos que farão a leitura da crônica para os colegas. Um aluno será o narrador e os outros dois farão as vozes do homem e da mulher. Como o próprio título da crônica sugere, é importante dar à leitura um ritmo rápido para torná-la mais interessante.



## PRODUÇÃO DE

# T Texto escrito

### IV. Crônica

Escolha um dos temas abaixo e escreva uma crônica em que os diálogos entre as personagens sejam apresentados sob as formas do discurso direto, indireto e indireto livre. Lembre-se de empregar a pontuação adequada ao discurso direto – travessão e dois-pontos – e varie o emprego dos verbos *dicendi* para evitar repetições desnecessárias.

- 1 > O amor impossível
- 2 > Um segredo revelado
- 3 > Um problema em família
- 4 > Uma relação complicada



Cemila de Godoy Teixeira/Arquivo da editora

Em seguida leia seu texto em voz alta para a classe a fim de que os colegas identifiquem os três tipos de discurso e possam sugerir como torná-lo ainda melhor.


**Figura 18** – *Trajetoórias da palavra* – 8º ano, p. 53

### 3.3.1 Análise dos dados da atividade 1

A atividade 1 é iniciada pela apresentação da crônica *Rápido* de Luis Fernando Verissimo. Em seguida, há algumas perguntas sobre o texto para que os alunos as respondam. A questão 6 é a única que apresenta uma proposta de trabalho com a oralidade, pois sugere que três alunos façam uma leitura dramatizada da crônica.

Os comentários no manual do professor sobre essa atividade presentes ao final do volume relata que o objetivo da atividade é, por meio da leitura em voz alta, que o aluno se familiarize com o discurso direto, o que o auxiliará na produção textual escrita, que é a proposta de atividade que segue esta no livro. Em seguida, são apresentadas as respostas das questões e, como resposta da questão 6, é apresentada apenas a frase “Atividade de leitura em classe” (manual do professor, p. 23).

**Atividade 2** – Na seção “Produção de texto oral e escrito” da página 120, há um questionário elaborado pelo Unicef que os alunos deverão responder e em seguida discutir as respostas e comparar os resultados com os colegas.









# PRODUÇÃO DE TEXTO

# Oral e escrito

**I. Respondendo à pesquisa**

As questões a seguir também fizeram parte do questionário elaborado pelo Unicef. Responda em seu caderno.

<p><b>1 &gt;</b> Qual o maior responsável por seus direitos e bem-estar?</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>Comunidade.</li> <li>Governo.</li> <li>Partidos.</li> <li>Família.</li> <li>Escola.</li> <li>Polícia.</li> <li>Igreja.</li> </ol> 	<p><b>4 &gt;</b> Você considera a forma como é corrigido por seus pais:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>justa.</li> <li>injusta.</li> </ol> 
<p><b>2 &gt;</b> Você se sente mais feliz quando:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>está namorando.</li> <li>tira boas notas.</li> <li>está com amigos.</li> <li>está com a família.</li> <li>está brincando.</li> </ol> 	<p><b>5 &gt;</b> Você se sente respeitado por sua família?</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>Sim.</li> <li>Não.</li> </ol> 
<p><b>3 &gt;</b> Você se sente mais triste quando:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>briga com a família.</li> <li>vê pessoas sofrendo.</li> <li>briga com os amigos/namorado.</li> <li>vai mal na escola.</li> <li>não sai com os amigos.</li> <li>sofre castigos.</li> </ol> 	<p><b>6 &gt;</b> Qual a instituição mais importante para a sociedade?</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>Comunidade.</li> <li>Governo.</li> <li>Partidos.</li> <li>Família.</li> <li>Escola.</li> <li>Polícia.</li> <li>Igreja.</li> </ol> 

**120** UNIDADE II GÊNEROS DE IMPRENSA

**Figura 19** – Trajetórias da palavra – 8º ano, p. 120

## II. Discutindo as respostas da classe

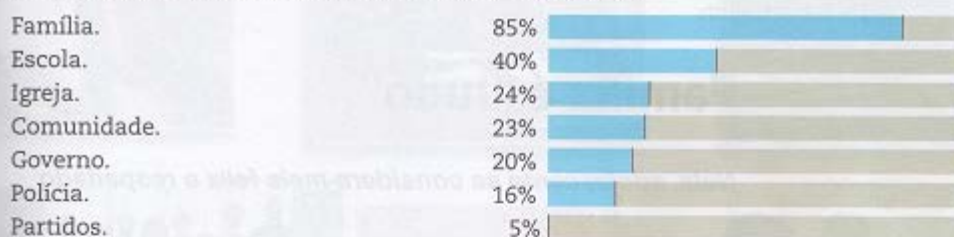
- 1 ► O professor anotar  na lousa as respostas de todos.
- 2 ► Com base nessas respostas, discuta com os colegas as ideias que justificam as opiniões de cada um.

Procure ficar atento a todas as opiniões expostas pelos colegas, concordando ou não com elas. Durante uma boa discussão em grupo, as diferentes opiniões apresentadas podem nos ajudar a esclarecer nossas ideias e até a reformulá-las.

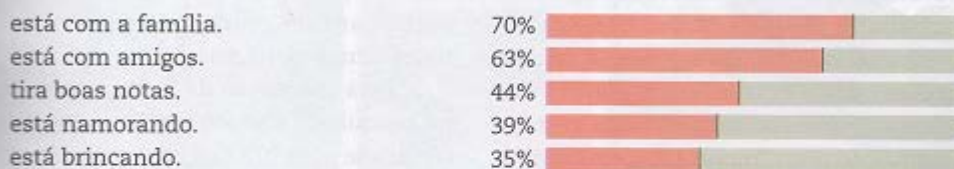
## III. Comparando e discutindo resultados

Leia os resultados obtidos pelo Unicef em sua pesquisa com os adolescentes brasileiros.

### 1. Qual o maior responsável por seus direitos e bem-estar?



### 2. Você se sente mais feliz quando:



### 3. Você se sente mais triste quando:

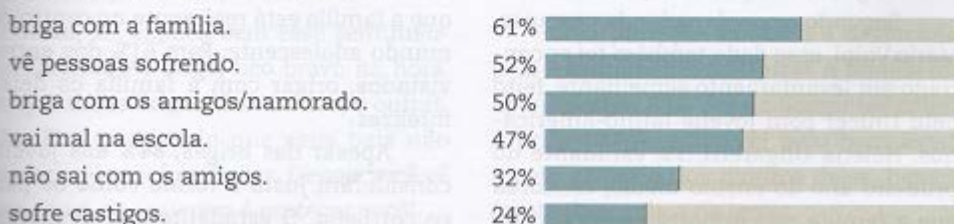


Figura 20 – Trajetórias da palavra – 8  ano, p. 121

4. 84% dos entrevistados consideram justa a forma como os pais os corrigem.
5. 90% sentem-se respeitados pela família.
6. 95% consideram a família como a instituição mais importante para a sociedade.

Discuta com os colegas as semelhanças e as diferenças entre os resultados apresentados na pesquisa do Unicef e os resultados da sua classe.



## PRODUÇÃO DE T Texto escrito

### **I. Leitura e reflexão**

Leia a reportagem.

## “ Família é “tudo”

*Nela, adolescente se considera mais feliz e respeitado*

Para quem costuma identificar automaticamente adolescência com rebeldia, a pesquisa “A Voz dos Adolescentes” trouxe uma surpresa: a família está em alta e é considerada por 95% dos garotos e garotas entrevistados como a instituição mais importante, em comparação com outras como escola, igreja, polícia, governo e partidos políticos.

Segundo o coordenador da pesquisa, Mário Volpi, esse dado também foi encontrado em levantamento semelhante, feito pelo Unicef com jovens latino-americanos. Helena Ungaretti, 15, estudante do primeiro ano do ensino médio, concorda que a família seja importante para a sua

vida, mas lembra que os amigos também têm um peso grande. ‘Acho que os dois participam de jeitos diferentes e que todos têm importância.’

Essa percepção de Helena apareceu na pesquisa. Estar em família é fonte de felicidade para 70% dos jovens. Já estar na companhia dos amigos faz 63% felizes.

Quando se inverte a questão, vê-se que a família está realmente no centro do mundo adolescente. Para 61% dos entrevistados, brigar com a família os deixa infelizes.

Apesar das brigas, 84% dos jovens consideram justa a forma como os pais os corrigem. O estudante José Orenstein

**Figura 21** – Trajetórias da palavra – 8º ano, p. 122

### **3.3.2 Análise dos dados da atividade 2**

Na atividade 2 está presente a proposta de atividade oral e escrita. Em primeiro lugar, pede-se ao aluno que responda oralmente a um questionário elaborado pela Unicef para que o professor anote as respostas no quadro. Em seguida, é indicado aos alunos que debatam sobre as respostas obtidas nesse questionário. A última etapa da atividade demonstra os resultados obtidos quando uma pesquisa com o mesmo questionário foi realizada com diversos adolescentes brasileiros e propõe uma discussão comparando os resultados da sala com os da pesquisa relatados na página 121.

O manual do professor indica que o professor oriente a discussão, evitando juízos de valor; que o objetivo da atividade é desenvolver a capacidade de argumentação dos alunos e mostrar a eles que toda opinião deve ser respeitada e bem fundamentada.

**Atividade 3** – A atividade das páginas 154 a 156 propõe discussão, produção e apresentação de um programa de rádio.

**II. Registro de um programa de rádio**

Escolha um programa de rádio e escute-o durante pelo menos meia hora. Procure escolher um programa que seja do seu agrado ou cujo público-alvo sejam pessoas da sua idade.

Registre por escrito as informações que você obtiver, seguindo o roteiro abaixo:

- Nome do programa.
- Horário em que vai ao ar.
- Seções que compõem o programa: entrevista, notícias, música, publicidade (anote quanto tempo é dedicado a cada um desses itens).
- Público-alvo – crianças, jovens, adultos, idosos, homens ou mulheres. Justifique sua opinião sobre o público a que se dirige o programa.

**PRODUÇÃO DE**  
**T**exto oral

**I. Discussão dos programas de rádio**

**1** > Reúna-se em grupo para avaliar os programas de rádio pesquisados. A finalidade dessa discussão é verificar se o material observado conseguiu prender ou não a sua atenção.

Para haver uma boa discussão, enquanto um estiver falando, os outros devem ficar em silêncio. Ninguém será ouvido se muitos falarem ao mesmo tempo! Cada aluno apresenta as informações recolhidas sobre o programa pesquisado e faz a sua avaliação considerando os seguintes critérios:

- **Conteúdo do programa** – interessante e esclarecedor ou maçante e confuso?
- **Formato** – atraente e ágil ou monótono e prolixo?
- **Duração de cada seção do programa** – excessiva, muito curta, na medida certa?
- **Tipo de linguagem** – clara e objetiva ou complicada e com muitos termos técnicos?
- Caso o programa não tenha chamado a sua atenção, reflita: ele poderia ser interessante para outro tipo de ouvinte?
- Quais críticas podem ser feitas ao programa?
- Se você fosse responsável pelo programa, como faria para que fosse inteiramente de seu agrado?

154 UNIDADE II GÊNEROS DE IMPRENSA

**Figura 22** – *Trajetórias da palavra* – 8º ano, p. 154

- 2 >** Depois de feita a discussão, escolha, juntamente com o grupo, um ou dois colegas para relatarem à classe as conclusões a que o grupo chegou. Compare as avaliações feitas por vocês com as dos outros grupos. Ao final da apresentação de todos os grupos, procure determinar o tipo de programa que você e seus colegas preferem, e reflita sobre os motivos dessa preferência.

## II. Produção de um programa de rádio

- 1 >** Em grupo, você vai produzir um programa de rádio que deverá ser ouvido por toda a escola no horário do intervalo, ou no horário mais apropriado, de acordo com a disponibilidade de sua escola. O programa deverá ser gravado numa fita cassete e ter a duração de 10 minutos. Antes da produção do programa, você deverá planejá-lo. Para isso, faça no caderno um quadro como o que está abaixo e discuta com seus colegas todos os itens propostos, para decidir com antecedência cada passo do trabalho.

1. Seções do programa	2. Duração de cada seção	3. Conteúdo	4. Responsável
Música	★	★	★
Notícias	★	★	★
Propaganda	★	★	★
Entrevista	★	★	★



Paulo Borges/Argano da editora

- Antes de qualquer coisa, avalie bem o seu público-alvo; como o programa será ouvido por toda a escola, é importante que você tente dirigir a programação de modo que prenda a atenção desse público, lembrando que há crianças e adolescentes de idades variadas, além dos professores e de pessoas que trabalham na parte administrativa da instituição.
- Decida quais seções farão parte do programa – você pode criar outras seções ou descartar alguma da lista acima.
- Duração de cada seção: calcule com precisão o tempo dedicado a cada uma.
- Conteúdo: é preciso decidir o que será levado ao ar – quais músicas, notícias, propagandas etc.
- Quem é o responsável: a cada etapa do trabalho, há várias pessoas envolvidas – seleção e criação de textos, locução, fundo musical etc.

- 2 >** Depois de feito o planejamento e selecionado todo o material, você passará à etapa de produção do programa. Nesse momento, é muito importante refazer a gravação sempre que o áudio não tenha ficado claro. Por isso, não economize nos preparativos: quanto mais tempo você dedicar aos ensaios, menor a possibilidade de que seja preciso regravar algum trecho.

Figura 23 – Trajetórias da palavra – 8º ano, p. 155

### III. Apresentação do programa de rádio produzido

Antes de apresentar o programa a toda a escola, você o apresentará para sua classe avaliá-lo, de acordo com os seguintes critérios:

- **Conteúdo** – é interessante, prende a atenção do ouvinte ou está cansativo, aborrecido?
- **Linguagem** – é apropriada ao tipo de programa apresentado?
- **Duração de cada seção** – é adequada, o programa está bem dividido?
- **Qualidade da gravação** – a gravação está clara e audível ou apresenta problemas e ruídos?

Com base nas sugestões da classe, refaça o que considerar necessário e, no dia marcado pelo professor, apresente seu programa para toda a escola.



### Rádios comunitárias

As rádios comunitárias são aquelas operadas em baixa potência e com alcance restrito a um bairro e/ou vila. São outorgadas pelo governo a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos. Têm as seguintes finalidades, entre outras previstas em lei (Lei n.º 9 612, de 19 de fevereiro de 1998):

- possibilitar a difusão de ideias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade;
- oferecer mecanismos à formação e integração da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social;
- prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário;



O jornalista e apresentador de rádio e tevê, Heródoto Barbeiro, é entrevistado por Gerô Barbosa, da Rádio Comunitária Heliópolis FM (São Paulo, SP).

Figura 24 – Trajetórias da palavra – 8º ano, p. 156

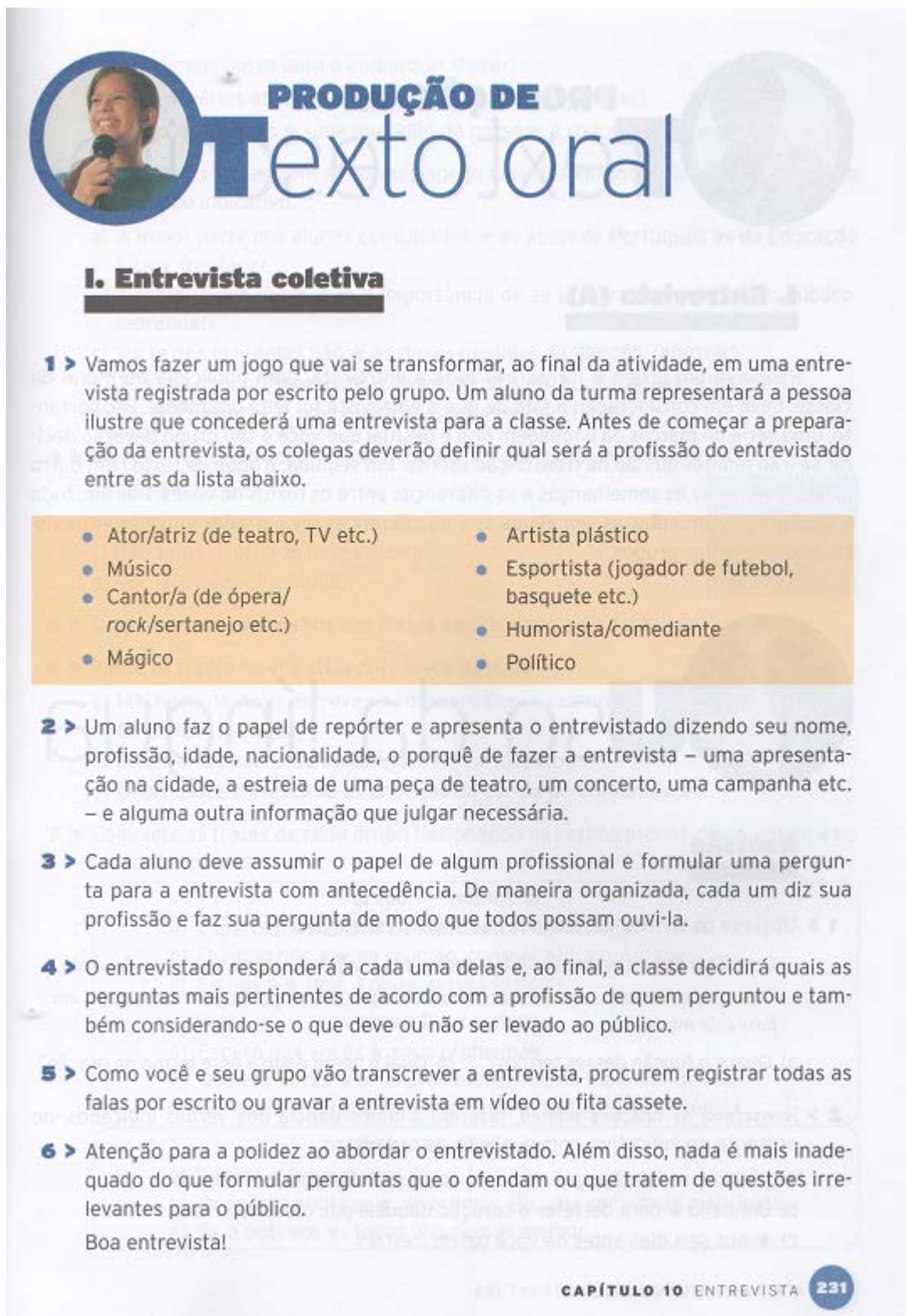
### 3.3.3 Análise dos dados da atividade 3

A atividade 3 faz um *link* com a atividade anterior a essa, que se trata de uma produção escrita sobre programação de rádios. A proposta é que os alunos observem um programa de rádio pesquisado anteriormente e discutam se o material é capaz de prender a atenção do espectador ou não. O exercício lista alguns tópicos a serem observados para a discussão, entre eles está o tipo de linguagem que foi utilizado no programa de rádio pesquisado.

Em seguida, pede-se aos alunos que produzam um programa de rádio e veiculem para toda a escola, o que pode ser uma estratégia pouco viável, pois não são todas as escolas que possuem esse sistema. Essa parte da atividade sugere um planejamento por escrito para que a produção do programa seja realizada. Ela aponta também para que os alunos pensem em um público-alvo. A terceira parte da atividade pede aos alunos que avaliem o programa dos colegas antes que ele seja produzido de fato. Após essa etapa, o programa deve ser apresentado para toda a escola.

O manual do professor não oferece muito respaldo para que o professor execute essa atividade. Ele sugere que o professor acompanhe a produção do programa e que dê suporte aos alunos, caso eles se sintam inseguros com esse exercício, pois não é uma atividade corriqueira e é normal que eles se sintam dessa forma.

**Atividade 4** – Na página 231, há uma proposta de entrevista coletiva por meio de uma encenação que os alunos farão.



**PRODUÇÃO DE**  
**T**exto oral

**I. Entrevista coletiva**

**1** > Vamos fazer um jogo que vai se transformar, ao final da atividade, em uma entrevista registrada por escrito pelo grupo. Um aluno da turma representará a pessoa ilustre que concederá uma entrevista para a classe. Antes de começar a preparação da entrevista, os colegas deverão definir qual será a profissão do entrevistado entre as da lista abaixo.

- Ator/atriz (de teatro, TV etc.)
- Músico
- Cantor/a (de ópera/rock/sertanejo etc.)
- Mágico
- Artista plástico
- Esportista (jogador de futebol, basquete etc.)
- Humorista/comediante
- Político

**2** > Um aluno faz o papel de repórter e apresenta o entrevistado dizendo seu nome, profissão, idade, nacionalidade, o porquê de fazer a entrevista – uma apresentação na cidade, a estreia de uma peça de teatro, um concerto, uma campanha etc. – e alguma outra informação que julgar necessária.

**3** > Cada aluno deve assumir o papel de algum profissional e formular uma pergunta para a entrevista com antecedência. De maneira organizada, cada um diz sua profissão e faz sua pergunta de modo que todos possam ouvi-la.

**4** > O entrevistado responderá a cada uma delas e, ao final, a classe decidirá quais as perguntas mais pertinentes de acordo com a profissão de quem perguntou e também considerando-se o que deve ou não ser levado ao público.

**5** > Como você e seu grupo vão transcrever a entrevista, procurem registrar todas as falas por escrito ou gravar a entrevista em vídeo ou fita cassete.

**6** > Atenção para a polidez ao abordar o entrevistado. Além disso, nada é mais inadequado do que formular perguntas que o ofendam ou que tratem de questões irrelevantes para o público.

Boa entrevista!

CAPÍTULO 10 ENTREVISTA **231**

**Figura 25** – *Trajetórias da palavra* – 8º ano, p. 231

### **3.3.4 Análise dos dados da atividade 4**

A atividade 4 trata-se de uma entrevista coletiva. Ela é iniciada pela proposta de um jogo, que na verdade é uma encenação, no qual um aluno do grupo representará uma pessoa famosa, outro fará o papel de repórter e o restante também deverá fazer uma pergunta à pessoa entrevistada. Em seguida, o grupo deverá editar as perguntas, ou seja, escolher as mais pertinentes para que sejam veiculadas. Os alunos terão que transcrever a entrevista e, para isso, terão que gravá-la.

Essa proposta chama a atenção dos alunos para como um repórter deve se comportar em uma entrevista, qual o grau de polidez ele deve utilizar ao se referir ao entrevistado, além de pensar no interesse do público-alvo, ou seja, quais informações são pertinentes para ele e quais não são. O manual do professor sugere que os alunos observem entrevistas coletivas transmitidas pela televisão para que eles tenham uma base de como realizar esse tipo de gênero.

## Considerações finais

Tendo consciência de que o ensino de gêneros do discurso na aula de língua portuguesa é um dos itens dessa área mais cobrado pelos PCN e pelo edital d PNLN, esta pesquisa investigou uma das modalidades de gênero, que é a oral.

Ao verificar como os gêneros orais são trabalhados em livros didáticos de língua portuguesa em atual circulação na rede pública, foi possível observar que há propostas de atividades que são satisfatórias por fazer com que o aluno saia da rotina de ficar sentado e escrevendo. Há sugestões de projetos que realmente trabalham os aspectos orais da língua, como a retextualização proposta na atividade 1 do livro em *Tudo é linguagem* apresentada aqui anteriormente.

No entanto, é possível observar, também, que ainda há atividades engessadas, que forcem uma situação que não faz parte do cotidiano do aluno, como a atividade 1 do livro *Radix – Português*, que sugere uma roda de história de caráter biográfico. As atividades que propõem leitura dramatizada estão presentes nas três coleções analisadas e, por vezes, exaustivamente. A leitura dramatizada é importante, mas há outros aspectos da oralidade tão importantes quanto esse.

*Tudo é linguagem* propõe exercícios diversificados, no entanto, chama atividade oral qualquer exercício que envolva uma mera leitura em voz alta. *Projeto Radix – português* promove, basicamente, leitura expressiva e contação de histórias. *Trajelórias da palavra* apresenta atividades de discussão e também de leitura expressiva.

Com isso, foi concluído que o professor pode contar, por vezes, com o auxílio do livro didático como ferramenta que contribui para seu trabalho, porém ele deve buscar em fontes externas materiais que complementem o que é apresentado nos livros didáticos. Em alguns momentos o GLD faz uma ressalva para que o professor busque esse respaldo.

É importante que os livros didáticos tenham atividades do gênero oral relacionadas ao cotidiano do aluno para que elas o auxiliem nas diversas situações que ele possa vir a se deparar na vida, como entrevistas de empregos, seminários, palestras, dinâmicas e tantas outras.

Os gêneros orais podem ser trabalhados em sala de aula de maneira efetiva por meio da retextualização e da apresentação de textos escritos cuja linguagem se aproxime da do texto falado, por exemplo.

Em suma, os livros didáticos apresentam algumas atividades pertinentes ao ensino efetivo da oralidade, mas ainda é possível melhorá-las a fim de apresentar atividades que façam mais sentido para o aluno e que se aproximem mais da realidade dele.

## Bibliografia

BARBOSA, Valdeci Maria de Oliveira Coêlho. *Gêneros digitais em manuais didáticos de língua portuguesa*. 2009. 174 p. Tese de mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da Gramática: opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 1998.

BORGATTO, Ana; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. *Tudo é linguagem 7º ano*. São Paulo: Ática, 2010. 2ª ed.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos PNLD 2011: Língua Portuguesa*. Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental (SEF), 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional do Livro Didático 2011*: Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CRESCITELLI, Mercedes Canha; REIS, Amália Salazar. O ingresso do texto oral em sala de aula. In: ELIAS, Vanda Maria da Silva (org.). *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 29-39.

DIAFÉRIA, Celina; PINTO, Mayara. *Trajatória da palavra 8º ano*. São Paulo: Scipione, 2010. 1ª ed.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. 3ª ed.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa. In: ELIAS, Vanda Maria da Silva (org.). *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 13-27.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2012. 8ª edição.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010. 10ª ed.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 1ª ed.

PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 2010. 7ª edição.

TERRA, Ernani; CAVALLETE, Floriana Toscano. *Projeto Radix: português 8º ano*. São Paulo: Scipione, 2010. 1ª edição.